

FAZER CAFÉ, AMOR E FILOSOFIA
A ARTE DE ESCREVER FILOSOFIA EM POEMAS



Grão-Chanceler

Dom Washington Cruz, CP

Reitor

Prof. Wolmir Therezio Amado

Editora da PUC Goiás

Pró-Reitora da Prope

Presidente do Conselho Editorial

Profa. Dra. Sandra de Faria

Coordenador Geral da Editora da PUC Goiás

Prof. Gil Barreto Ribeiro

Conselho Editorial – Membros

Profa. Dra. Regina Lúcia de Araújo

Prof. Dr. Aparecido Divino da Cruz

Profa. Dra. Elane Ribeiro Peixoto

Profa. Dra. Heloisa Capel

Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante

Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli

Ms. Heloísa de Campos Borges

Iúri Rincon Godinho

Maria Luisa Ribeiro

Ubirajara Galli



Editora Kelps

Presidente

Antônio Almeida

Coordenação da Editora Kelps

Ademar Barros

Waldeci Barros

Leandro Almeida

Conselho Editorial

Prof. Abrão Rosa Lopes

Escritora Sandra Rosa

Escritor Brasigóis Felício

Prof. Alaor Figueiredo



SECRETARIA DE
CULTURA

Prefeitura
Goiânia

O futuro se faz agora

WILL GOYA

FAZER CAFÉ, AMOR E FILOSOFIA
A ARTE DE ESCREVER FILOSOFIA EM POEMAS

© 2011 WILL GOYA

Editora da PUC Goiás
Rua Colônia, Qd. 240-C, Lt. 26 - 29
Chácara C2, Jardim Novo Mundo
CEP. 74.713-200 – Goiânia – Goiás – Brasil
Secretaria e Fax 62 3946 1814 – Revistas 62 3946 1815
Coordenação 62 3946 1816 – Livraria 62 3946 1080
www.pucgoias.edu.br/editora

Comissão Técnica

Foto da Capa
Bernd Marold

Célio Otacilio da Silva
Editoração Eletrônica e Arte Final de Capa

Heloisa D. P. Torres e Maria de Pádua
Seleção das obras do acervo do Museu de Arte de Goiânia

Imagem da Capa
VICTOR GRASS - "*Momento I*", 1981
- Óleo sobre tela - 120 x 91 cm
- Acervo do Museu de Arte de Goiânia

Dados internacionais de Catalogação na Publicação - CIP
BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELES MACHADO

G745f Goya, Will.

Fazer café, amor e filosofia: a arte de escrever filosofia em poemas. / Will
Goya – Goiânia: Ed. PUC-GO / Kelps, 2011.

128 p.il. - (Coleção: Goiânia em prosa e Verso)

ISBN: 978-85-8106-165-8

1. Literatura brasileira – poesia. 2. Filosofia. 3. Ensaio filosófico. 1. Título.
II. Série.

CDU: 821.134.3(81)-1

390-2011

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

2011

COLEÇÃO GOIÂNIA EM PROSA E VERSO

A Prefeitura de Goiânia, administração Paulo Garcia, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, concretiza a quarta edição da *Coleção Goiânia em Prosa e Verso*, com o objetivo de estimular a escrita e a leitura de obras literárias.

A despeito das escolas literárias, da diversidade de gostos ou da variedade das nossas opiniões, a literatura não se prende a um único juiz. Nossos pensamentos podem coincidir com os de outros, mas o importante é perceber que a literatura é um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas, e o ser humano é o ponto central na observação e na interpretação da realidade ou da ficção.

A *Coleção Goiânia em Prosa e Verso* favorece o acesso à publicação de autores novos, dá visibilidade à escrita fora dos ambientes acadêmicos e guetos editoriais de mercado, dando voz a aqueles que desejam expressar-se culturalmente por meio literário. Um conceito assimilado pelo prefeito Paulo Garcia que optou pela continuidade do projeto. Pode parecer genérico demais, mas a literatura tem o privilégio da liberdade e não precisa, necessariamente, estar vinculada ao uso social, ou à defesa de uma ideologia ou mesmo retratar a realidade. Não tem o objetivo específico de mudança de comportamento social, despertar consciências políticas, embora faça isso. E o faz de forma lírica, árida, real, ficcional, documental, romântica, clássica, erudita, popular.

É esta a dimensão que a *Coleção Goiânia em Prosa e Verso* pretende atingir: despir a literatura de todos os preconceitos e deixar o pensamento se expandir, de forma ideológica ou literária, valorizando tanto o estilo quanto o sentimento. Seja qual for o nosso

entendimento do valor da obra literária, isolada ou em relação com o meio ou o tempo, prevalece a noção de que escritor é aquele que tem alguma coisa interessante no domínio das ideias e sabe exprimi-las por escrito, de forma a lhe aumentar o interesse e proporcionar ao leitor do prazer intelectual à identificação dos sentimentos. Uma conexão que se faz entre o pensamento e o seu enunciado e que se faz também entre o escritor e o leitor.

Kleber Adorno
Secretário Municipal de Cultura

Este livro é dedicado à família de todos os meus irmãos, filhos e pais da minha alma aprendiz. Todos amigos íntimos que me ensinaram a poesia dos seus dias e de suas noites. Sempre me deram mais do que soube retribuir. Seus nomes, um a um, estão guardados em minhas preces.

Pablo e Nayeli, meus filhos... que seus olhos sejam apaixonados de alegria, atrevidos de esperança e doces de perdão. Mas, quando não puderem enxergar a vida com amor, fechem os olhos e admirem a essência. Não julgar é outra forma, silenciosa, de fazer poesia.

Obrigado, oh inominável Deus de todos nós!

SUMÁRIO

Prefácio	
<i>Will Goya: doxa e episteme</i>	11
Introdução para as Notas de Rodapé.....	17
Pequeno Ensaio Literário sobre Poemas Filosóficos	21
Com Paixão	34
Amor-Perfeito.....	36
A Tudo Cede, Tudo Vence	38
Amor de Filósofo.....	40
Sem Inspiração.....	44
Segredo	46
Fragrância	50
Conjugações no Tempo de Amar	52
Amante	54
As Mil Cores do Amor.....	56
Preta-Velha de Asilo	58
A Fotografia de um Sorriso	60
Mãezinha	62
Pablo	63
Consolo.....	65
Soneto para não Perderes Tempo.....	67
Sobejando Saudades	68
A Despedida de Drummond.....	69
As Estrelas dos Olhos Dela.....	71
Estrangeiro.....	73
Caracol Humano	75

Serão	76
Um Dia de Natal	77
Sobre como andar de Elevador	78
Calvin Klein	80
Ponto de Vista	81
Ânus Glicosado	83
Problemas? (ou) Questão Filosófica	86
Sentimentos Densos	87
Crucificação	89
Nascido Antes	91
Dogma.....	93
A Resposta do Espelho.....	95
Você me Ama?	97
Pro Nome Pessoal Ser.....	99
Identidade.....	101
À Metade do Meu Caminho	103
Insólito.....	106
Tamanho	108
Paladar.....	110
Soneto a um Bom Vinho.....	113
Outra Vez.....	114
Teus Dias de Hoje.....	117
Dez Razões para Eu Viver	119
Tudo o que se Deve Dizer	121
Fazer Café, Amor e Filosofia	123

PREFÁCIO

WILL GOYA: DOXA E EPISTEME

*O poeta é semelhante ao príncipe da altura
Que busca a tempestade e ri da flecha no ar;
Exilado no chão, em meio à corja impura,
As asas de gigante impedem-no de andar.*
(BAUDELAIRE, 1996, p. 15)

Conheci o filósofo clínico e professor universitário Will Goya há alguns anos, durante a preparação de originais de seu livro *A escuta e o silêncio (listening and silence)*. Certo dia, ele entrou em minha sala, iluminado pelo início da manhã, e bradou: “para começar bem o dia, a primeira coisa a se fazer é ler um poema”. E pôs-se a declamar. A Editora inteira parou. Definitivamente, não é uma dessas pessoas que passam por nossas vidas. Ele fica.

E já estando, antes de me apresentar a pessoa que é – essa que conheço um pouco a cada dia – apresentou-se a mim poeta. Ao partilhar comigo seus versos, inicialmente recebeu críticas severas. Algumas ele desdenhou, mas o poeta é isto mesmo: o ser que contraria. Quando eu o dizia prosaico, ele julgava-me gramatiquera insensível. Quando eu queria “sumir” com as notas, ele providenciava sua “Introdução para as notas de rodapé”. Quando eu dizia que poeta é poeta e filósofo é filósofo, ele me convidava para um café. E assim travávamos embates. “Quando a razão não vence, o amor cede”, encerra ele.

Certo é que muitos de seus versos sofreram lapidação. Foram filosófica e esteticamente amadurecidos (“Entre um café e outro,/ Ele escreve e erra, escreve e erra,/Mas seu único erro ainda seria não reescrever.”). Outros estavam prontos, perfeitos, desde que surgiram. “Caracol Humano” é prova disso, mesmo que Goya o diga “poema menor”:

*Quando sai de casa pisei num caramujo.
Ele estava só, sujo.
Talvez nem tenha notado
Que...
Já tive amigos caramujos
E que tantas vezes caramujamos juntos,
Juntos...*

Daqule momento de leitura inicial para este – em que lhes apresento *Fazer café, amor e filosofia: a arte de escrever filosofia em poemas* – reli muitas vezes os versos de Will Goya, dialoguei com eles, recebi-os com pluralidade. Trata-se de um conjunto de poemas autobiográficos, um tesouro pessoal escrito lentamente, por mais de vinte anos, revelando alguém que tem algo a dizer ao mundo, mas sem pressa, embora de modo diligente e inquieto.

A elaboração biográfica que aqui se faz, parte, especialmente, de uma história da transformação intelectual e da sensibilidade, inseridas em um tempo e em um lugar, numa intenção de memória que relaciona sujeito e sociedade. Nesse processo, ao se constituir como sujeito, Goya expõe também o que considera ser a identidade do mundo no qual estão ele e as outras pessoas com as quais se relaciona. Revela o poeta: “Em bom português, eu somos.”

E outra vez o contradigo, quando enalteço – eleito entre meus prediletos, confesso – um poema escrito pelo juvenzinho Will, então com apenas 15 anos. Ritmo, melodia, ironia e crítica reunidos em versos. Confirmam, cumprindo o seu papel, a voz, o corpo e a presença, em um trecho de “Estrangeiro”:

*Índias terras de Portugal,
De vermelha ibirapitanga,
Que El Rei ceifa, se farta e manga
O adeus verde descomunal.*

*Mui há nessa terra quem crê.
São todos valentes de fê,
Tão raças! Tupi Macro-jê...
De adubo se fazem até
Que a terra carmim tudo dê.*

Fazer café, amor e filosofia... é uma vida cantada em versos, ora simples, ora complexos, ora cômicos, ora tensos, ora melancólicos, ora sonhadores, ora tenros, ora indignados. São poemas de vida e criação, mas também de dor e luto. Às vezes, um desejo de cantar o passado, dividindo sua experiência de vida com o leitor. E escrevendo a si mesmo, Goya inscreve seu mundo, suas experiências como adolescente, como homem em conflito, como intelectual, porta-voz de um tempo de acelerada mudança, que busca compreender e interpretar. Desse modo, ele se revela contínuo aprendiz de tudo o que os livros e a própria vida lhe fossem capazes de ensinar: uma experiência de transformação paciente e diária. Evoquemos sua voz:

*O que acontece comigo?
Caminho infinitas distâncias em meu olhar perdido.
Parece que vou ser feliz a qualquer momento...
[...]
Eu, que nem existia, ocupado em fazer coisas,
De repente e sem motivos, existo e amo.*

Se seus poemas nos denunciam um eu-poético composto como si mesmo e como os outros – seriam “imagens do outro como um si mesmo”? –, em suas notas de rodapé, Will, tece sobre si e não sobre seus versos, uma reflexão e uma explicação. No entanto, essa tessitura não o revela de forma completa e definitiva. Ele cria-nos uma ilusão biográfica, pois, entre tudo o que viveu, faz escolhas e articula sua própria maneira de encontrar-se, lembrando-se de si. Interpretar esses processos vividos por Goya apresenta-se como um desafio ao leitor, na medida em que sua poética constrói, mantém ou transforma a *doxa* do poeta, que revela sua intenção: “iniciar os profanos na compreensão dos meus segredos.” Então esse não seria o modo de marcar o lugar discursivo do estudioso, a sua *episteme*?

Além disso, durante toda a obra, poesia e Filosofia, embora separadas em suas identidades, promovem um movimento de ir e vir de uma a outra, sem que cada qual esteja acima ou abaixo, numa posição de superioridade ou inferioridade. Esse ir e vir é possível pelo

entre-lugar em que ambas se cruzam: a linguagem. O poeta diz estar “cumprindo o destino e o heroísmo da tarefa de ser filósofo e poeta” – e tem razão. Afinal, de quem é a voz nos versos “Quando vem a saudade, boca selada de um amor distante,/Sabe o filósofo que o tempo é feito de separações...”? Fala-nos o filósofo, o homem ou o poeta? Ou seria sua “consciência filosófica da vida”?

Certamente, se é inegável que há poetas sensibilizados pela Filosofia, como Fernando Pessoa e Mário de Andrade, do mesmo modo há filósofos contagiados pela poesia, como Nietzsche, Wittgenstein ou Heidegger. Talvez por isso percebemos claramente a influência de Pessoa em seu poema “Segredo” ou o dialogismo com Ortega Y Gasset, no poema “Identidade”:

*O dilema nunca foi ‘ser ou não ser’. A verdadeira questão é:
Aqui e agora, quem eu sou em relação a?
Pai, motorista, amante, professor, terapeuta, paciente ou filho,
Calmo ou nervoso?
Ninguém é totalmente algo.
Apenas circunstanciamos...
É um não-eu que melhor me define.*

Para Will Goya, “O bom poeta é um encantador de almas cujas palavras mágicas transformam homens em poesia”. Quem o conhece sabe que sua poética é marcada pela voz, em seu aspecto físico de força viva, como suporte vocal da comunicação humana. Ele é um poeta que se inspira imaginando a declamação. Portanto, esse encantamento de que ele fala depende prioritariamente da copresença, da performance como modo eficaz de comunicação poética. Em suas palavras,

Um poema é tão mais perfeito e universal quanto mais ultrapassa o autor, transborda o texto, subverte a palavra e obriga o espectador a se calar ou a ter de repetir o verso que o destituiu da condição passiva, para ser também autor e concluir: ‘é exatamente isso que eu sinto e penso, mas não sei explicar’.

Uma vez em cena, o poema se joga. Paul Zumthor, em *Performance, recepção, leitura*, defende essa “carnalidade” do texto, o envolvimento e a leitura amorosa, em virtude do importante papel que o corpo desempenha e, conseqüentemente, da voz como seu prolongamento. Reforça esse teórico que é pelo corpo que estamos no mundo, que tocamos, cheiramos, representamos e sentimos, e a voz faz o homem ir além dos seus limites corporais, ela “desaloja o homem do seu corpo”. De acordo com Goya,

O poema é a realidade mesma com todas as nossas faculdades psíquicas e espirituais, e até com nossos corpos. A arte da poesia não representa nada, ela é como uma canção que se define antes pela emoção da voz do que pela letra, seja qual for. O significado de um poema está em saber viver, amar e sofrer quaisquer dramas com aquela profundidade que só a beleza alcança. Que ninguém ouse dizer ‘poemas são só palavras!’.

Em *Fazer café, amor e filosofia...* Will Goya convida o leitor não somente à leitura, mas a interagir corporalmente com a obra, num ato dialógico com o texto, encenando a palavra com sonoridade, ritmo e elementos visuais. Neste momento, incluem-se como presença corporal dessa performance e desfrutam do prazer do texto. Avisa o poeta: “Há muitos dias na semana em que o dia inteiro é domingo.”

Gabriela Azeredo Santos
Mestre em Letras: Literatura e Crítica Literária

INTRODUÇÃO PARA AS NOTAS DE RODAPÉ

“Não basta chamar pelo nome. Em qualquer língua, o significado de um nome só pode ser chamado e conhecido, em todo o seu mistério, se apenas pronunciado com amor. O resto é som, ruído doce da vaidade. O que quer mesmo saber quando pergunta meu nome?”

Will Goya

Esta é minha autobiografia poética, a soma imperfeita dos poemas que sobreviveram a mim mesmo, com severas autocríticas. Havia escrito minha primeira coletânea na adolescência, fiz algumas cópias e as distribuí a alguns amigos. Muitos anos depois ganhei de presente um velho maço de papéis, envelhecidos e amarelados, de um querido amigo, que me disse: “tenho um presente pra você, aquele seu livro que você me deu há anos. Lembra-se?”. Mas esses poemas foram quase todos queimados, por julgá-los de literatura pobre e, de resto, por não querer a vergonha de alguém perder seu tempo com sentimentos puros e frágeis. Sobreviveram pouquíssimos. Disfarço a vergonha que ainda sobrevive, com alguma justificativa renovada, todavia, quando penso em apagá-los, sinto que já não são meus.

Devo declarar que “meus” poemas foram, em muito, psicografias das circunstâncias de uma época na qual eu acreditei ser protagonista, apenas. Nunca os escrevi com o pronome totalmente “eu”, sentindo-me criador e de inteira posse das minhas subjetividades, mas antes como refém de uma situação existencial que o mundo me impunha de tal maneira que, compelido a escrever, eu me perguntava o que eu teria a dizer se eu tivesse de dizer algo. É como se um não-eu inefável me escolhesse – como escolhe outros escritores – apenas como testemunha de palavras. Hoje tenho 40 anos de corpo, e aquela mesma sensação lúcida de que toda a minha vida, que foi e que será, é um teatro metafísico, um grande sonho de preliminares, que um dia irá acordar para o que eu não sei.

Na atual coleção apresento minha consciência filosófica da vida, dramática de si mesma – crítica, amorosa e determinada, com

preguiça e coragem suficientes –, mais possuída do que possuidora de grave espiritualidade em permanente conflito e comunhão com o mundo. Meus óculos e meus hormônios são feitos de um romantismo barroco contra e a favor das minhas tendências. Viver por escrito, ou emocionar gramaticalmente, exigiu-me o esforço e a regência das minhas próprias sintaxes, o que me obrigou poema-a-poema a ser outro na criação literária, ter outra visão significativa de tudo. De modo que, para mim, escrever é sempre uma tarefa muito difícil, ainda que prazerosa, de reencarnar minhas ideias em novo sentimento poético, sem jamais voltar a ser a exata mesma pessoa, o mesmo autor. Estou ciente de que, depois de escrito, meu corpo físico será então habitado por uma nova alma de um novo poema, dessa vez sem autoria. De um eu feito para outro eu feito. Acontece-me o mesmo com as boas leituras. Não faz sentido perguntar qual minha origem primeira ou quem sou eu, essencialmente: escrever minha existência poética não é evoluir, não é desabafo, autorretrato ou revelação. É a arte filosófica de reescrever minha história ora com a autonomia da razão, outrora pelas psicografias inconscientes da vida, através de mim. É isso ou o que parece ser. Quando sinto que serei possuído pela necessidade de escrever, eu me preparo para morrer de velho (não de novo), feito um cão que se afasta do seu dono, com instinto lúcido, aceitando as consequências. Nasci exilado na Terra, e tudo para mim é estranho aqui. Em uma só existência, já me sinto bastante reencarnado. Nunca o suficiente. Há sempre vida depois da vida.

As notas de rodapé trazem deliberadamente a história psicológica de cada poema, o como e às vezes, o porquê de cada inspiração. elas não explicam (nem pretendem) meus poemas em si mesmos, apenas descrevem as condições que os provocaram. Solilóquios. Minhas notas são jogos de aventura e blefe, que dentro de mim se mostram ambições eloquentes, e que me levam a conclusões paradoxais, a uma impossibilidade didática de argumentos senão a poesia. Essas notas não pretendem iniciar os profanos na compreensão dos meus segredos, apenas denunciar uma febre e uma necessidade insustentável de agarrar duradouramente essa incrível tensão de querer encapsular o inédito da surpresa diante de uma emoção desavisada. Encapsulada, a palavra

comprometida filosoficamente prova a coragem inovadora e sozinha de que é possível transformar a banalidade, o sono e a distração nervosa dos afazeres mais comuns em obras sagradas ou extraordinárias; a criatura em criadora, o ser notado em ser notável.

A razão dos poemas é a emoção, o impactante silêncio e o desconforto da beleza de o leitor não ser capaz – reunidos todos os esforços – de expressar melhor tudo aquilo que o poeta disse, de outra maneira. A poesia é o delicioso desconforto de se sentir obrigatoriamente nu, nos abismos da liberdade, com os sentimentos expostos em palavras que não voltam atrás. Houvesse tradução na mesma língua, o texto, desencantado, já não seria um grande poema. Um poema é tão mais perfeito e universal quanto mais ultrapassa o autor, transborda o texto, subverte a palavra e obriga o espectador a se calar ou a ter de repetir o verso que o destituiu da condição passiva, para ser também autor e concluir: “é exatamente isso que eu sinto e penso, mas não sei explicar”. O leitor não interpreta personagens, obras ou autores, em cada poema ele reescreve a própria vida com novos significados. O bom poeta é um encantador de almas cujas palavras mágicas transformam homens em poesia.

Vale o esforço de publicar minhas notas para testemunhar um milagre: que esse mundo cotidiano de todos nós, descolorido e cheio de rotinas, feito de coisas comuns, se nele satisfeito o gozo competente da arte e da filosofia, pode deixar de ser banal, e a vida tornar-se interessante. Como dito em um verso, “ser poeta é descobrir que não há momentos comuns”¹. Essas notas provam, no meu caso, através de mim, a alquimia de o ser humano poder transformar “pedra” em “beleza”, um simples e involuntário ato de “pisar em um caramujo”² em um valor, “complexo de culpa, erotismo e redenção”. Assim escrevo, cumprindo o destino e o heroísmo da tarefa de ser filósofo e poeta.

Dito isso, recomendo, ofereço dois caminhos de leitura, a gosto: por amizade, quem se interesse pelo que há em mim, leia-me nas notas. Ali eu me escondo e me revelo. Os fatos da minha vida existiram mais

1 Poema intitulado “Tudo o que se deve dizer” (ver p. 122).

2 Do poema “Caracol humano” (ver nota 26).

pele adentro do que eu próprio saberia evitar. Quem, antes e, sobretudo, desejar o mais importante, o poema como seu, como se feito pelo e para o leitor, o sujeito lírico, então que recuse essas tolices de notas e datas e qualquer pretensão de ordem, para que elas não lhe roubem a autenticidade e autoria. Que então leia a poesia como um impressionista, a dizer simplesmente: “eu gosto” ou “não gosto”. De resto, o conjunto.

Com tanta poesia e filosofia transbordando em mim, cheguei onde eu me tornei inevitável: quanto mais busquei o que era profundamente meu e íntimo, mais fui obrigado a compará-lo ao que é universal e demasiadamente humano: a existência dos outros. Por fim, é isso: meu eu só me pertence por comparação, secundariamente. Quando paro para escrever e me demoro em analisar os outros, presto muita atenção em meus sentimentos. Ao inverso e reverso, é como vejo que me vejo. Questão de método. Todo conhecimento é inevitável auto-conhecimento. Ser introspectivo foi minha sabedoria poética, minha maneira de crescer, por dentro. A poesia é um dos meus exercícios éticos mais belos da vida, e me ensinou a ser menos egoísta, apesar de mim. Só assim, exatamente quando escrevo, nos instantes sofridos do conflito, quando busco, voluntário, a dor de sofrer, bem ou mal do que os outros sofrem, é que reconheço “com-paixão” minha alma em paz. Essa poesia em mim é tão rara que permanece desconhecido o seu valor.

PEQUENO ENSAIO LITERÁRIO SOBRE POEMAS FILOSÓFICOS³

O mundo está escrito, ou por escrever. Enquanto pensamos, somos todos prisioneiros da linguagem, e apenas livres para nos expressar através dela. Além disso, nem um só pensamento, nada pode ser dito. Até a morte, a recusa... e o silêncio proposital nos instruem, comunicam suas intenções. Entretanto, se há quem expresse apenas seu dogma, seu eu e sua solidão, há quem deseje o diálogo, todas as formas de “escuta”, de respeito e proximidade. Quem prefere a escrita, a literatura, faz da liberdade uma palavra, um jogo de entendimentos entre signos e sintaxes, e está obrigado a nela pôr um significado para o leitor através de muitas outras palavras; obrigado a encontrar na gramática, na semântica, em toda a cultura, o que só os cultos entenderão. A palavra escrita só encontra sentido quando se casa consigo mesma. O mundo não tem sentido, apenas existe. Uma maçã é 1 maçã, sem dúvida! Cada mordida é um novo saber. Mas, se “uma rosa é uma rosa é uma rosa...”⁴ – como dizia Gertrude Stein –, então o que seria o conceito universal de “maçã”? Ou, se a palavra se refere à coisa, a quais exatos objetos se referem os termos “sarcasmo”, “filantropia”, ou o verbo “estabelecer”?

Alguns pensam: “é fácil falar de mim, difícil é ser eu”. Ledo engano, para-choque de caminhão. Quem teria a facilidade de Vinícius de Moraes para saber descrever uma das experiências mais básicas e conhecidas de cada um de nós, como revela o título do seu famoso poema

3 GOYA, Will. Revista *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 18, n. 9/10, p. 761-772, set./out 2008. Texto aqui revisto.

4 Essa frase faz parte do poema de Gertrude Stein, “Sacred Emily”, de 1913. In: STEIN, Gertrude. *Writings, 1903–1932*. Michigan: Library of America, 2008.

“Da Solidão”? Quem saberia falar a verdade sobre as próprias mentiras? Sobre as contradições, sutilezas, fragmentos, memórias de cheiro, fantasias... sobre os desejos ocultos do corpo e outros tantos mistérios de si mesmo? Depois, parecem ser naturais termos ideias e emoções confusas, distantes e mal combinadas entre o que pensamos, o que sentimos e o que de fato somos e fazemos de nós mesmos. Haveria sensibilidade e conhecimentos de linguagem suficientes? As palavras das delicadezas, das coisas e movimentos, os termos das grandes aprendizagens... enfim, tudo o que é pronunciado na vida só é compreendido se explicadas suas complexas e belas estruturas linguísticas. Um poema não existe apenas, tem sentido. É uma competência. Não é, pois, correto dizer que um olhar sempre vale mais que mil palavras; dizer que as palavras são pobres e a boca pode menos que os olhos. Acreditar nisso é nunca ter lido, por exemplo, Paul Valéry, André Gide, José Saramago ou Kalil Gibran. É também só “ter ouvido falar” de filósofos como Aldous Huxley, Bachelard, Sartre ou Camus. Não haveria o nosso mundo conhecido, não houvesse literatura. Em que pese a isso, sempre haverá mais coisas que palavras, mais mistérios e mais desentendimentos. Dizer que as palavras são inúteis quando o olhar não diz nada poria fim ao imenso valor do diálogo. Em geral, quanto maior o silêncio, mais a ansiedade se acumula de interpretações e perigos; quanto mais firmes verdades o olhar carrega, menos se escutam as palavras contrárias, calando a relação. Não raramente, problemas de diálogo se resolvem com mais diálogo. Se for verdade muitas vezes que um olhar diz mais que mil palavras, igualmente, que se aprenda com as palavras de Guimarães Rosa a se ter outros mil olhares sobre a vida e o mundo, e saber ler com os olhos dos outros. Quem saberia ver – além de meras terras secas – as belezas, o espírito e a tragédia do Grande Sertão brasileiro sem as palavras de Rosa? Afinal, “o sertão está em toda parte...”⁵. Guimarães é exemplo vivo de um escritor cujas palavras têm o poder de dar vida a um ser, a um drama interior comum a todos nós, na medida em que as reflexões do personagem são capazes de dar ao leitor um novo olhar. Parece-me

5 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 9.

impossível ler Guimarães Rosa, com um interesse de alma, e em nada se modificar depois da leitura. As palavras também dizem mais que mil olhares. Quem souber todas as letras, fonemas, propósitos e pontuações, que veja.

Quando filosofia é literatura, a verdade é a trama da palavra, toda sua força, seu impacto, seu temor. *Logos*, a verdade, e tudo o que se diz ou se quer dizer reclamam intimidades vivas com a língua. É história. Verdade é um diálogo inacabado. Se a palavra está definitivamente posta, impressa, sem conserto, ainda assim nada está perdido. Sempre haveremos de dialogar com o texto. Nem o próprio autor se pertence escrito, exclusivamente. Sua língua é de todos. Não há autor sem co-autoria; texto sem contexto. Muitas vezes, quando nos falta o léxico, é a palavra não-dita, articulada e negada, que mais bem preenche o sentido, o enunciado da frase. São os gestos e termos da vida. Propositadamente, e não raro, a literatura é assim. Por que a verdade haveria de ser diferente na filosofia se a vida é a mesma? Sem dúvida, a literatura decifra mais ideias, concebe mais realidades do que a filosofia é capaz, pois somente a arte consegue ser coerente com a vida sem deixar de ser contraditória. O que é verdade literal nunca é literatura.

Então, onde está o sentido de verdade da palavra escrita por outra pessoa? Em nenhum lugar, se não houver leitor. Não se faz uma prece repetindo a oração. O poeta sente seus pensamentos, e quando deseja pensar em dizê-los, sonha com palavras escritas. Embora as palavras sejam comuns a todos, cada um as mastiga com um sabor próprio. Como se pode alimentar de poesia a palavra de quem lê, se os significados da sensibilidade só foram escritos graças à estranha força da intimidade única de outra experiência pessoal? Escrever um poema é tirar da boca a fome de quem se admira das coisas absolutamente comuns, das emoções que atravessam como um rio profundo um dia simples, completamente natural, mexendo os detalhes da existência... e depois de tudo o que se acumula, de toda a solidão que não pode ser dita, angústia ou felicidade, deixar o leitor sozinho diante do poema. Poetas e filósofos procuram nos livros o que encontram nas pessoas, mas com uma virtude bastante incomum: sabem que grandes almas podem estar em vários lugares ao mesmo tempo, em outras épocas, e

habitar diferentes corpos, diferentes livros. Estamos mal acostumados a pensar que encontramos alguém só porque lhe vemos a pele com recheios. Um livro é um corpo habitado por uma alma, ou mais; é um corpo tatuado de pensamentos. Há os que vivem cada palavra que dizem, mas preferem se relacionar por escrito; e assim o que têm de mais íntimo, de mais profundo e verdadeiro, talvez ainda viva e dialogue por séculos, com milhares de pessoas, uma a uma.

A literatura será filosofia, penso, se alguma mágica competência, talento reconhecível, mas de todo inexplicável, levar o leitor a transformar seus vocabulários em conceito, palavras em ideias; a condensar intuições, vivências abstratas, instintos, desejos e emoções contidos no texto para identificar, descrever e, quem sabe até explicar a realidade das experiências dramáticas da vida. Isso, para dar sentido, movimento e resolução, chegada a hora em que o leitor, perante suas escolhas, seja ele próprio o autor da resposta: “o que fazer?” A arte não imita a vida, é em si mesma uma das mais belas formas de experimentá-la. Não copia o que acontece ou o que poderia ter acontecido, mas ensina a viver e amadurecer em perspectivas desconhecidamente alheias. Quando alguém se abandona aos sentimentos da leitura – romance, conto, crônica ou poema – pelas dificuldades que encerram ou que constituem a luta emocional de assumir por um momento como seus os sentimentos e as opiniões dos outros, personagens e autores, esse alguém, já não mais referência para si mesmo, e tendo eleito um não-eu para estar no mundo e conduzir seus sonhos, além de superar o egoísmo moral, agiganta-se ao tornar-se coautor intelectual da imaginação, fazendo de seu não-eu um eu melhor. Não há um texto literário cujo fim não seja o mesmo: o leitor. Filosoficamente, entender o outro é pensar por si próprio e reconhecer as diferenças. É fazer ser outro depois da leitura; fazer da leitura uma vivência dramaticamente real, e de cada livro uma nova vida. Essa é a ponte mágica entre o que cada um é capaz de ler e a universalidade escrita da experiência filosófica e literária, e pode levar a filosofia e a literatura a, razão do que têm em comum, por isso, se confundirem.

Sim! A literatura pode ser, entrelinhas, filosofia. Entrelinhas são pensamentos, interpretações de quem lê. Mas, de qual autoria?

A quem pertence, originalmente, a ideia subentendida? Quanto maior for a cultura literária, menos títulos e mais autorias; quanto maior a inteligência filosófica, mais humildade e diálogos. O que sei é que o espaço “entrelinhas”, de uma boa literatura, não é o que separa, mas o lugar onde o leitor pode se encontrar com os dramas de sua época, e com os próprios, com as afinidades e dessemelhanças para com o escritor (mesmo seja este os dois) discutindo autorias... Há críticos que dizem nada poder se falar DO texto que não esteja NO texto, que não há entrelinhas. Teóricos da objetividade, fiéis ao método e adeptos das análises intrínsecas, podem e devem garantir um conhecimento rigoroso – o que não é pouco. Mas, se a tradução exata de uma língua para outra, palavra por palavra, quase sempre trai a verdadeira mensagem, aquilo que não está diretamente expresso num texto, num tempo e lugar, deve ser cuidadosamente lido, transcrito e versado para sua nova circunstância, com naturais perdas e vantagens. Assim, quando um leitor substitui a unidade da palavra pelo conceito do léxico, ele descobre a ideia escondida, tal se como a literatura fosse um mapa, a verdade um tesouro e, entre linhas, talvez, o legado de alguma filosofia. Entre linhas existe a herança cultural da obra e o leitor, coautores. Lugar em que não se caminha com segurança, talvez um dos mais honestos momentos escritos da vida em que a literatura e a filosofia deixam à imaginação, aos perigos e delícias da liberdade. Quem saiba fazer literatura e filosofia ao mesmo tempo há de tentar ensinar verdades ocultando-as com palavras, atrás dos símbolos, substituindo a pedagogia da gramática pelos jogos de linguagem, a fim de que o leitor as encontre em seu próprio pensamento, reagindo. A lógica pode menos do que a realidade afirma.

Os clássicos foram tesouros da humanidade revelados. Os grandes espíritos dialogam com o futuro, ocultando-se no porvir uma parte essencial de suas ideias, conceitos da vida muito bem refletidos e elaborados, com justificativas cuidadosamente analisadas e postas em personagens, “falas” e “imagens”, cenários da imaginação. Como não perceber que elas adquirem um sentido antes filosoficamente preparado? Esses gigantes não só conhecem a humanidade como também a inventam, criam novos valores, decifram realidades humanas, abrem ou

preparam caminhos na ética, na ontologia, na política, nas dialéticas da racionalidade e em outros. Após ler *Água Viva*, *Fausto*, *O Alienista*, *A Metamorfose*, o *Livro do Desassossego*, é de todo impossível negar a existência de uma *autêntica filosofia* de Clarice Lispector, de Goethe, de Machado de Assis, de Kafka e de Fernando Pessoa.

Há quem diga que não se faz filosofia em versos, nem o inverso; e que a poesia não é verdadeira, apenas bela (ou não). Prosa. Junto à poesia e à filosofia, no interior do poema e da tese, há fronteiras que precisam muitas vezes ser cruzadas para se vencer a crise generalizada dos enunciados e das narrativas, ou nada se descobrirá das belas tensões em que se constroem os discursos, as verdades e o sentido.

Um texto filosófico se dirige ao leitor para convencê-lo, persuadi-lo a filosofar, a criar ideias próprias. A ideia, ao servir-se de palavras para se exprimir, contorna, define e traduz um significado, e o nomina “conceito”. Quando desejo, estou subsidiariamente a pensar. Capacidade de escolha em foco, carregada de apetites, apelos físicos, psicológicos ou morais. O impulso de natureza emotiva ou desejante é ele próprio um pensamento deliberado, que conduz a atividade mental para dar sentido a um objeto como ideia. Embora nem toda ideia seja emotiva, quase todas as emoções são pensamentos intencionais, com a única exceção, talvez, dos sentimentos místicos sem desejos, como a paz da meditação – metafísica do inefável. Dessa forma, considerando que a raiz das nossas emoções é feita de ideias, isto é, que significam algo para nós, nada mais lúcido seja a filosofia bússola das nossas emoções, ensinando a sentir inteligentemente. Porque toda grande obra literária é uma profunda aula sobre a força dos desejos e as consequências existenciais das nossas escolhas, nada mais verdadeiro concluir que um clássico da literatura nos provoque a estudar pelo menos um clássico da filosofia. Se a filosofia emancipa o pensamento, não raro a literatura antecipa novas ideias, na fonte viva da criação. Entre elas, qual é a primeira, a mais importante ou mais original? Sinceramente, eu próprio não calculo anterioridades ou metafísicas da hipótese. Quando elas resolvem se casar ninguém mais pode definir até onde, como e quando uma existe sem a outra.

Sei que literatura e filosofia são coisas absolutamente distintas, no modo cartesiano, pois na literatura pode-se inventar e na filosofia tudo exige fundamentos para existir. Mas nem tudo é Descartes.

Também é verdade que Platão faz Sócrates refutar o seu detrator, o grande Aristófanes, e com ele toda a tradição grega, pondo fim à antiga literatura, à retórica, à poética, ao mito como base de explicação, propondo uma nova forma de pensar, falar e agir. Todavia, como negar, por exemplo, que o *Fédon* e *O Banquete* possuem em seus argumentos o estilo e a mais bela linguagem poética de sua época? A filosofia não negou a literatura, incorporou-a.

Se, de um lado a literatura é um discurso feito para despertar intensos sentimentos, a filosofia é o estudo da linguagem do pensamento, e mais. A filosofia deve subordinar os sentimentos a um raciocínio, mas seria a emoção ou a razão, a literatura ou a filosofia, ou ambos, o que melhor capta o conceito de uma ideia? A resposta é individual, porque a vida também o é. Ninguém há de saber, nem de sentir pelo outro. No entanto, todo esse esforço de comunicar ao leitor a perspectiva de uma nova ideia sobre o mundo é pura linguagem. Muito arquitetural, a linguagem é uma inadaptação à realidade do instantâneo, do absolutamente simples e ingênuo. Um ligeiro “oi!” não está isento de significações secundárias, de interpretação e contextualização linguística, de deciframento existencial e filosófico. Análise feita, descoberta a intencionalidade oculta, pode querer dizer: “eu me sinto muito só, quero sua companhia, pois não sei mais o que é a minha vida... Preciso da sua ajuda!” Posso subverter a sintaxe, em aparente anarquia, reinventar o texto, o estilo, a estética e outros. Posso até reinventar a literatura...

Mas que filosofia honestamente conseguiria tocar a realidade inteira de um conceito vital com o uso exclusivo da razão pura? A filosofia não tem sequer essa pretensão, diria o filósofo alemão Kant. Vivesse mais dois séculos de uma civilização iluminista, ele teria percebido que a Razão aproximou-se do seu limite e entrou em crise. E vendo o trágico diagnóstico da perda da possibilidade de um compromisso possível de nossas orientações fundamentais para a vida, entenderia que a autoridade da razão deve ser recuperada na historicidade do sentido, isto é, que a tarefa de autocompreensão só tem êxito quando o homem se vê culturalmente, como participante e intérprete da tradição histórica. Filosofia é linguagem, é língua, é história. Se eu quiser compreender um pensamento, um texto, ou a universalidade da experiência huma-

na, devo aceitar a hermenêutica como filosofia prática. A hermenêutica possibilita reconstituir uma comunicação confusa; ela atinge, fere e revela os limites que separam a razão metódica dos dramas da vida. Conquanto a filosofia analítica busque na linguagem do texto a unidade do significado, a hermenêutica filosófica trabalha com o sentido histórico; e ambas estão inseparavelmente certas, porque ao mesmo tempo em que a linguagem “quer dizer”, isto é, tem função semântica, ela também “é”, ou seja, é uma organização com concretude própria. Se algo puder ser compreendido será pela linguagem.

Logo, não só é possível uma filosofia poética, uma razão interessada e emotiva, como também é necessária. Mas seria igualmente possível a existência de um poema filosófico? O poema não pensa a realidade como se de um lado houvesse palavras intencionadas e do outro o mundo real a que elas se referem, em nome da verdade. A palavra poética não é uma cópia sonora, desenhada, do real. O poema é a realidade mesma com todas as nossas faculdades psíquicas e espirituais, e até com nossos corpos. A arte da poesia não *representa* nada, ela é como uma canção que se define antes pela emoção da voz do que pela letra, seja qual for. O significado de um poema está em saber viver, amar e sofrer quaisquer dramas com aquela profundidade que só a beleza alcança. Que ninguém ouse dizer “poemas são só palavras!”. Porque a indiferença descolore a vida, a poesia salva o mundo. O poema é a realidade mesma com todas as nossas faculdades psíquicas e espirituais, e até com nossos corpos.

O conhecimento agencia do interior a função da vida: uma ideia só existe para aquele que a vivencia. Uma ideia só existe como um fato. A vida é a base para pensar, logo, o conhecer a ela se subordina. Concordar ou discordar já é um engajamento, um compromisso, uma transformação e não um princípio teórico puro. Enquanto eu próprio não experimentar o sentido que entrego à notícia de que $2+2 = 4$, isto pra mim ainda não será um fato, será apenas um desenho ou mancha sobre o papel, sem valor, tal como um cão que ao livro só fareja em busca de comida, mesmo que lá houvesse escrito onde se encontra enterrado o osso. O conceito de número é um “número vivido”. Quando significativos, cada palavra, vírgula ou verso, são, de fato, uma respiração.

O poema é um fato, pura realidade. Logo, o poema não dá sentido *ao* mundo, ele é uma das expressões significativas *do* mundo. Quem cria novos significados para o amor através da poesia eleva o que se pensava e se sentia a respeito e, assim, evolui a pouca ou insuficiente maneira de antes amar. O grande poeta transfaz a antiga realidade moral criando um novo valor e conceito ético, quem sabe um comportamento. Faz o que pretende toda filosofia moral. O melhor da poesia não nos eleva para outro mundo melhor, antes e simplesmente prova o quanto o mundo – do qual os poetas pertencem – neles evoluiu.

A poesia é superior e anterior à lógica. Disse superior, não melhor. Enquanto houver filosofia, muito há que se discutir, proclamar, defender e negar, porque injustiças, e afins, sempre existirão. Todavia, não há raciocínio que alcance as janelas dos sonhos – de uma a outra – por onde todos nós nos unimos ao céu, morada comum. Se a humanidade não criasse o diálogo e, por meio dele, a literatura, não teríamos aprendido as racionalidades da filosofia. Desde as primeiras literaturas, histórias, religiões e fábulas de mitos, foi pela linguagem poética que a palavra, pouco a pouco, legitimou a realidade do humano e tornou-se propriedade pública, ser do interesse político, do bem e da verdade. Do Oriente ao Ocidente, a história da inteligência deve à poesia. Além disso, a matéria da filosofia é a mesma da poesia: o espanto da criação de um significado, o estranhamento do óbvio. Quando se escreve um novo significado para existência – seja pela literatura, adornando sentimentos e motivações vitais para o ser; seja pela filosofia, reinventando conclusões, análises e perspectivas – aprende-se a transformar impulso em direção, linguagem em necessidade. Criar é especificar e promover as diferenças entre o antes e o depois. Aquele que é exatamente o mesmo após ler ou escrever nada fez se não do tempo a medida do próprio cansaço. Uma vida é pouco se repetitiva, e não haverá outra vida para quem não souber se recriar, ainda que reencarne mil vezes, preso ao *karma* da mesma consciência limitada. Tanto a prosa filosófica quanto o poema criam conceitos na abordagem de ideias, afetos e impressões, estados de alma, de mundo e sociedade. Se a filosofia os cria pela força coerente dos seus argumentos, o poema o faz, geralmente, por associações semânticas, musicais e imagéticas. Conquanto a primeira convença e imponha a aceitação da realidade (não

sem dor, muitas vezes); antididático, o poema trama o sequestro das atenções e surpreende o leitor (ou o ouvinte) para, de repente, entregá-lo a si mesmo, refém, pasmo, sem explicação, ante a descoberta de que algo fundo se lhe modificou a percepção e o sentido da vida.

Muitas vezes a diferença entre prosa e poema não é suficientemente clara, existindo formas intermediárias. Cada vez mais, enquanto a prosa tende a poetizar-se combinando ideias com alegorias, símbolos, evocações da memória e do instinto etc., os poemas se aproximam da prosa literária pela renúncia aos esquemas métricos, rítmicos, estróficos, dando maior enfoque à realidade sentida e descrita artisticamente. Assim como muitos romances podem ser tidos como poemas expandidos ou, ao inverso, um poema como um romance condensado, também muitas máximas da filosofia, sínteses de grande valor poético, poderiam ser facilmente tomadas como versos, como poemas.

Mas filosofia e poema são coisas diferentes? A primeira diferença é um critério externo, formal e fácil de reconhecer: reside na presença ou não do verso. O poema é uma poesia em versos ou, pelo menos, em um só; ao passo que a filosofia poética é uma dissertação racional, marcadamente desenvolvida pelo caráter demonstrativo, pelo rigor e coerência lógico-semântica. Se, no entanto, o critério for interno, a diferença corresponderá à análise da intenção do discurso, seja na direção de uma finalidade “comprobatória” – filosofia –, ou no caminho de tornar a estrutura sintática um apelo à função “sugestiva” – poema.

Nem toda prosa é filosófica e nem toda filosofia é poética. A respeito, pode-se falar em *filosofia poética*, como uma prosa teórica inspirada no estilo literário, utilizando dos sentimentos e da criatividade para expressar ideias. Também é possível falar em poesia ou, mais adequadamente, em *poemas filosóficos*, ou seja, estruturas poéticas que hipoteticamente despertariam o ânimo para conseqüentes reflexões filosóficas. Algo diferente deste último – se não raro, improvável –, seria imaginar um poema não com adjetivação filosófica, mas com a substancialidade própria da filosofia; uma “filosofia-em-estrofes” de natureza dissertativa, uma grande e complexa seqüência estética de silogismos, cujas primeiras conclusões transformar-se-iam em novas

premissas, verso a verso, reunindo o máximo da síntese poética e da objetividade lógica.

Não faço filosofia-em-estrofes. Escrever poemas filosóficos – propósito de muitos versos meus – é de tal competência que exige do poeta sua máxima capacidade de exprimir ideias por meio de palavras emotivas e sensitivas (embora haja quem prefira as duras e dolorosas, não mais fortes). É preciso alguma sabedoria para identificar e distinguir as emoções, os comportamentos e as ideias comuns existentes entre os indivíduos, as classes e as diferentes culturas de uma época e região, sem o quê não se poderia fazer-se entender com uma linguagem adequada ao estímulo irresistível que desafia e envolve o leitor, prazerosamente ou não. Naturalmente, alguém da sociedade, cada alma tem seus próprios labirintos a serem percorridos, e até os valores mais universais devem ser bem contextualizados.

Eu morro em cada poema, em cada artigo, livro, aula ou diálogo em que sou verdadeiramente capaz de produzir um novo significado de amor. Aprendi com a poesia que se há amor, há verdades suficientes. Sinto que partes de mim morrem cada vez que eu renasço inteiro. É como se minha existência, por alguns microinstantes, finalmente alcançasse todo o seu objetivo, a razão de tudo, e de alguma forma me provocasse aquela silenciosa gratidão de olhar a alma de todos os seres, desnecessitando palavras. Nesse momento, o ambiente mais próximo do meu corpo vira palco, e as intenções queimam. Morrer é-me o propósito da vida, renascer é o da morte. Só o amor permanece.

De todas, a poesia mais tocante é a que emudece, a que excede em significados para além dos versos, e transborda-se numa incompreensível sensação que ao mesmo tempo junta a coragem heroica de vencer a si mesmo, como também os maus e covardes, não obstante impõe com ternura a humildade capaz do autossacrifício pelos outros, quando nada podem. No grande poema, a palavra grita sem som, terminada a frase. É quando a vida faz sentido, sem explicação.

O bom poema filosófico é um bem moral supremo. Conquanto a filosofia reflexivamente queira a discussão, com análises quase intermináveis, o poema deseja o silêncio de quem já entendeu. Deseja a

maior, e intraduzível, compreensão humana: a vivência íntima. Com menos palavras, maior síntese e ajuste, a estrutura poética é mais sábia, e fala o suficiente para calar o desejo de comentários. Qual filósofo foi alguma vez poeta assim? Perguntemos a Nietzsche.

O que se passa em minha mente e em meu corpo, quando escrevo, é mais rápido que a minha percepção. Isso arde de ansiedades minha inteligência enquanto não acho as palavras exatas. E porque em mim as ideias escritas nascem estéticas, e com ritmo musical, assim, sou obrigado a refazer todo um parágrafo ou um poema inteiro só para encaixar a sonoridade fonética aos desejos de uma palavra qualquer que insiste em ser a origem de tudo, por vezes no meio da oração, deixando-me com a agrura de resolver questões gramaticais, métricas ou semânticas. Alegre, aflito e descontente, custa-me acamar-me. Às vezes é um demônio tão maior do que eu, e de tal grandeza belo e perfeito, que indômito, ao escrever, meus sentimentos são desencontrados entre o prazer de sofrer em mim as dores e alegrias dos dramas humanos, através da poesia, e a necessidade de dar paz e desobrigar esse espírito que me domina. Enfim, quando a poesia fisicamente me vence – não sem cansaço e involuntária submissão –, ela se me desincorpora, e o poema já não me pertence mais. Porém, se depois o reconheço ainda como meu, só da minha subjetividade, então ele não alcançou um mínimo valor universal, e deve ser jogado fora.

Dizendo assim, quem assume a função de autor? Não sem imodéstia, deslumbro-me como se deslumbrasse em outros o verdadeiro senhor das necessidades: a vida nos empresta o corpo e a consciência para experimentar a coindividualidade e reconhecer nos outros a íntima sensação de existirmos juntos. É mesmo estranho sentir orgulho e alegria de perder a vaidade do próprio orgulho. É como se Deus, ou qualquer outra imprecisa definição do amor, não fosse mais do que a visão face a face da vida consigo mesma no rosto de outrem. Eu, para alcançar esse enorme sentimento de humanidade, preciso perdê-lo como meu e resgatá-lo em alguém que por desventura ainda não o conheceu em si próprio. Salvo enganos, de mim muito pouco compreendi, restando os outros. É neles que encontro alguma honesta possibilidade de conhecimento humano. Além disso, nada.

Porque sou poeta e filósofo – e não digo o primeiro em importância, mas pelo grau de simplicidade que a poesia aparenta ser a mais – devo dizer que um poema não é espiritualmente mais fácil que uma tese, lendo ou escrevendo. Isto é, um poema filosófico, como *Amor de Filósofo*, *À Metade do meu Caminho*, *Problemas?* ou *Identidade*, para citar os meus, tomando por axiomáticas minhas verdades, exige-me uma profunda coerência intelectual, ainda maior que a emotiva, coordenando conceitos em favor da intimidade-ângulo da ideia defendida, questionando e antevendo objeções, provocando e conduzindo o leitor ao centro de gravidade filosófica, onde pode se dar, quem sabe, a vivência da resposta. Poemas-problemas em que se instauram enigmas semânticos e se justificam aptidões estilísticas de sinestésias, metáforas adormecidas no cotidiano, neologismos, mitos... e outros. Tudo rigorosamente unificado por um pensamento filosófico intencional, que não se perde ou se deixa às facilidades meramente estéticas e populistas de consumo. Tal poesia não é simples rima de brincadeira de crianças, não é *jingle*, comercial de TV ou qualquer letra de música. Um bom escrito é como um bom leitor. Não é aumentando a erudição que se eleva o domínio intuitivo da sensibilidade, é um profundo interesse cultivado pela vida, pelo sagrado, pelos conflitos do mundo e da própria existência. A grandeza de um poema filosófico é, em meu entender, tão mais verdadeira e elevada quanto mais ele nos desperta compaixão pela humanidade – a sublime lucidez –, seja pelas belezas da ternura ou pela força da indignação. Problemas cuja resposta de um desenvolve a cultura de todos.

Após várias tentativas fracassadas, de análise e reflexão, para condensar meus pensamentos num todo assim concebido, compreendi que nunca conseguiria isso, e que as melhores coisas que eu poderia escrever neste pequeno ensaio permaneceriam sempre revistas. Escrevi meu primeiro caderno de poesias aos quinze anos, mas decidi rasgar ou queimar a maioria delas. Dos meus trabalhos posteriores, poucos até hoje se sobraram. De tudo guardo uma conclusão pessoal: gostaria realmente de ter escrito bons poemas, de ter nascido literato, pudesse, mas quando escrevo poesia penso filosoficamente, e quando me esforço para filosofar com extremo rigor, sou incorrigivelmente poético. Dá-me muito trabalho ser eu mesmo.

COM PAIXÃO

29/01/2007 – 35 anos⁶

Entra, se eu servir de abrigo.
Até hoje nossa casa só foi habitada por fora.
Há tantos olhares que não foram ditos...
Enquanto me demorava em não te conhecer.
Se te adoro em tão pouco encontro
É que o tempo se acumula em delicados excessos.
A espera não deveria ser feita de desejos... Mas é.
Mais breve que o amor, foram os dias e noites antes da tua chegada.
Soubesse tão perto, acordaria mais cedo.

Eu te vi sumir a cada esquina, quando corri.
E amei tudo o que não me deixava em paz,
Como se o amor fosse troca, compensando a falta.
Amor antigo, na frente de estranhos.
Contigo aprendi o que era o mundo na tua ausência,
E ainda nem chegaste.

6 Sozinho em San Pablo, California/US, entre as leituras e as frestas da janela veneziana do meu quarto, observava a noite chegar. Então pensei: “quando chegará o meu grande amor?”. Tolicie! Como se um grande amor fosse outra coisa que não o acúmulo e o metabolismo de todos os amores já vividos, todos os erros e acertos, revelando à nova pessoa amada a experiente sabedoria do amante. Mas... naquele instante, abandonadas as reflexões filosóficas, o que chegou mesmo foi este poema.

Vem... Abandona teu corpo num sorriso.
Deixa os pensamentos se perderem de ti.
Eles também querem voltar pro céu.
Entrega sem reserva tua roupa e teu perfume,
Que em teu corpo há uma taça para beber os gozos da vida,
Emoções à espera dos meus dons... Eu tenho sede.

Nossas almas querem ouvir a noite imensa dos segredos
Que guardamos um pro outro
E do cansaço à exaustão,
Cheios de silêncio, inventar nossas próprias verdades,
Pois o amor é confidente.

Antecipa tua presença, querida...
Que ao longe ficamos os dois a sós.
Dá-me o teu convite à porta do quarto em que me esperas
E descansa em teu rosto os sonhos da vida,
Que às manhãs hei de chamar teu nome com paixão.

AMOR-PERFEITO

30/04/2006– 34 anos⁷

Não há nada entre o corpo e a alma, nada entre nós.
Nada entre a porta e a outra metade. Somos todos janelas...
O que nos separam são apenas pálpebras, que nos protegem.
Segundos de ilusões a se repetirem eternamente.
Tudo o que vejo no mundo é derramado em mim. Vejo-te,
E o que carrego de desconhecido em ti é o que me alivia o peso de tantos.
Todo o mundo não pesa mais que desenhos de nuvens sobre o telhado.

O amor é uma janela que se abre, a beleza é transbordamento,
Um poder de aproximação entre segredos.
Quando a paixão se liberta do medo de não ser amada,
A liberdade goza euforias de uma entrega sem defesas.
Pedacinhos de música o ano inteiro
E silêncios complexos como doce derretido à boca...

⁷ Senti que era oportuno um novo sentimento, e aproveitei a ocasião para imaginar uma emoção diferente, de um amor sublime, nobre, doador. É assim que todo amante, creio, deveria despedir-se de sua antiga amada. Pensando a melhor maneira para terminar um relacionamento, reinventei emoções e aprendi o que a poesia soube me ensinar. É fascinante o que pode a arte: interpreto sentimentos que não vivi para justamente aprender a experimentá-los. Poesia me ensina a viver.

Vejo te

Quando te arrumavas para ir a um sonho, num desejo inquieto de perfeição.

Desde que te conheço, desde que te amo

Repouso tua ausência em cada distração,

Consentindo à vida um meio de completar a si mesma.

Tua falta põe em tudo um mistério suficiente,

Uma saudade de Deus, do desejo inacabado de nascer.

Ternura que me alivia o delírio da separação.

Embalsamo as lembranças... seguindo meu caminho.

E porque a distância mais aproxima os que vivem muito juntos,

Toma a minha própria loucura pelo nome –

A generosidade que antecipa o pensamento,

E te permitas ir... Eu próprio não te deixaria.

Colheria todas as idades, todos os anos e o último descanso

A debruçar em meu rosto,

Mas não arrancaria do céu tuas cores preferidas.

Imita-te quando ainda te vias sorrindo,

Que a dançar com invisíveis sentimentos – corpo e alma apenas,

E o mundo tão breve como um só,

Haverá tudo entre nós.

A TUDO CEDE, TUDO VENCE

07/10/2004 – 33 anos⁸

Errado pensar que o amor sempre vence e tudo pode.
Com o amor a gente aprende a perder.
Naturalmente,
Controlar tudo é perder o controle.
E perde quem não está disposto a perder,
Pois o orgulho destrói não a culpa, mas o coração do culpado.
Amar não é desejar o próximo como a si mesmo,
É fazer do amado o primeiro e de si mesmo o próximo.

O amor não é fraco nem forte, muito ou pouco,
É apenas inteiro,
Ainda que por uma fração de segundos
Nos instantes mais belos da vida.
Só o que é simples é completamente inteiro.
Pura entrega, o amor é leve.
Quem ama caminha em nuvens,
Pois seu coração alcançou o reino dos céus.

8 Sempre me comovi com o amor santo dos grandes cristãos da antiguidade e com a difícil beleza do “dar a outra face”. Mas como dar-se ao inimigo, à morte e a tudo o que nos traz ódio e medo? Um dia me dei conta de uma estranha sabedoria: amor não é poder, não é a arte da guerra, não é “conquistar” alguém. Então uma colega professora faleceu, e não sabia o que dizer a sua mãe, querida amiga. Quis fazer uma prece, e nasceu o poema. Este foi publicado como “poema de abertura”, *A Escuta e o Silêncio: lições do diálogo na Filosofia Clínica - Listening and silence: lessons from dialog in clinical philosophy*. (GOYA, 2010).

O amor brilha a pele de invisível ternura
Quando o corpo se reveste da alma.
Ninguém vê a fluidez da água mansa, o sopro macio e perfumado da brisa,
Nem jamais tocou o céu com as mãos...
Mas quem não sabe de onde vem o flutuante azul da vida
Que a vestiu da alegria de ser a beleza do mundo?
Vem do sonho de Deus quando o homem nele ainda dorme
Um desejo inconsciente de amar,
Que se chama solidão.
Segredo por Deus a ele revelado
Quando nele esse sonho o acordou melhor.

A grande melancolia do destino é que a morte existe
E o amor não pode evitá-lo.
Mas a garra de recomeçar é uma fé
Que, talvez, nenhuma outra vida mais próxima da verdade saberá
O mistério que o dia deita ao sol de cada nova manhã.
Dorme quem gosta. Ama quem sonha.

AMOR DE FILÓSOFO

14/09/2004 – 33 anos⁹

O verdadeiro filósofo mora na cidade das aparências
E tem um olhar de espírita, atravessando as paredes.
Ensina os indivíduos a serem bons,
Mas sabe que não se pode esperar muito dos que muito têm.
Bondade é não exigir aquilo que se pode dar.
Não é se dar ao outro, é a caridade de pedir
E receber o que ele tem de bom para dar.
A civilização precisaria de séculos para acordar
A sabedoria que se pode aos quarenta,
Por isso não é amável consertar o mundo, antes do tempo.
Seria ingratidão pedir a Deus que seja humano,
Como se houvesse algo errado com a maldade natural do mundo,
Como se o nosso mundo precisasse de boa vontade para existir
E não existissem muitas e muitas moradas.
Que importa a religião?
A maioria dos religiosos não tem religião.
A maioria dos filósofos só tem diplomas.

9 Quem fala de um amor *verdadeiro*, usa tanto a emoção quanto a categoria da lógica. Bem mais que gostar, amar é *saber* cuidar de quem se ama. Ética é o nome filosófico da sabedoria do amor.

Muitas vezes tentei falar isso em sala de aula, mas... como fazê-lo? Então fiz um poema sobre a filosofia dos meus sentimentos de amor. Quase sempre é assim: quando não sei explicar racionalmente o que preciso dizer, faço poesia.

O pensamento é como o sol:
Nunca ilumina os dois lados ao mesmo tempo.
Nenhuma verdade sem amor pode estar completamente certa.

Todo grande amor tem sempre mais que a própria verdade,
Toda grande verdade tem sempre mais que amor-próprio,
Tem também a verdade dos bons amigos,
Que as vestem junto à pele e as recobrem de tecidos.
E não estão errados...
Esquecemo-nos que não somos exatamente o que vestimos,
O que julgamos ser.
Não há mais quem se sinta nu dentro das roupas,
Quem prefira a verdade nua de si mesmo.
A maior verdade é a melhor verdade.
Quem ama seu amigo deve elogiar suas fantasias,
Ter carinhos com sua alma,
Saber que o corpo é algo que se veste e se troca, diariamente.
O amor será sempre cúmplice e traidor da nudez.
As intenções do corpo são os gestos da alma.
Não há beleza interior ou exterior. Há encontros e desencontros.
Fluxos do desejo.

Amar não é “conquistar” alguém, é dar-se por inteiro
[... Quer se aceite ou não],
Renúncia que prefere ser chamada de alegria.
Amar é transbordar-se de contentamentos, sem tradução.
Se houver poesia, será ainda mais lindo.
Se houver filosofia, tudo fará mais sentido.
A alma se derrete inteira na pele, feito cobertura,
Como um gostoso chocolate quente...
Derramando em toda parte vontades de cobiça e sossego.
Assim o corpo é.
Quando vem a saudade, boca selada de um amor distante,
Sabe o filósofo que o tempo é feito de separações – por fim a morte –
E que todo homem deve completar sua mulher, seu grande amor,

Para que ela seja uma pessoa mais feliz, para si mesma
— Seja com quem for.

Amar é

Fazer da amada uma pessoa melhor do que era antes de conhecê-la.

Quem deseja um grande amor, deve primeiro amar os outros.

Exercícios de afeto.

O amor não é dessas coisas que nos são dadas por acréscimo,

De repente.

Não se procura nem se acha: exercita-se pelo encontro.

Todavia,

Antes de conhecer a pessoa amada, antes da amizade, antes

Mesmo que a vontade beba um só gole de satisfação

E o apego arda todo seu ciúme, seu desejo e seu medo...

Sempre que o orgulho estiver do lado errado do espelho

E a vaidade for maior que a beleza,

Será preciso descobrir os prazeres do divórcio de si mesmo.

O que beijamos em alguém é o sabor único, inigualável, da sua história,

De como só ela soube dar gosto a sua vida... e beijar assim.

E cada novo desejo de reencontro, cada mesma vontade acumulada

Será sempre uma nova promessa, sem garantias.

Que bobagem é essa de pensar que ou se cresce pela dor ou pelo amor?

Não!

Tem alguém que não sofre ou nunca sofreu?

E existe nessa vida a opção “sem dor”?

Acaso Jesus, o rei dos amantes, sofreu menos por amar mais?

A escolha sempre foi sofrer

Pela entrega ou pelo apego, com alegria ou com tristeza...

Intensidade e gozo, ou hesitação e arrependimento, o que vai ser?

Amor não é solução, é vida.

Na vida tudo tem uma razão de ser, mas

O futuro é o tempo certo da certeza que não existe.

Se houver amor, é agora.

As experiências dão charme a quem aprendeu poesia.
Charme é uma beleza física que o tempo amadurece no coração
Dos amantes,
Quando não precisa mais seduzir para ser belo.
É justo abrir a janela e desapegar-se ao vento,
Mesmo que não haja janela
E o agradável frescor do ambiente seja apenas a memória do cheiro...
Do banho de ervas.
Aquele antigo e esquecido jeitinho gostoso de sentir-se eterno,
De vez em quando.
É como beijar suavemente algodão doce de olhos fechados,
O vazio se torna um suspiro e a alma sem apegos...
Leve
Para bem longe a cidade das aparências.

SEM INSPIRAÇÃO

22/07/2004 – 33 anos¹⁰

Oblíquo pro nome de que se é próprio,
Fio-a-fio... demoradamente branco,
Põe-se difícil ao desejo que se ganha
No papel um poeta de mãos vazias.
Sem inspiração, fazendo de si
O que quer porque pode. Mas
Nada, nada, nada fá-lo ser
Um só verso escrito.

Pobre ser que se apassiva em partículas
De esperas caladas, repetidas a sós.
Num desespero educado,
Entre um café e outro,
Ele escreve e erra, escreve e erra,
Mas seu único erro ainda seria não reescrever.

10 Decidi escrever um poema, de qualquer jeito, mas não estava nem um pouco inspirado. Insisti por toda a madrugada, entre o tédio e a missão não cumprida, até que os primeiros raios da manhã o trouxeram pra mim. Precisei de uma madrugada de impotência para me sentir possuído pelo tema do título. Então fui dormir em paz, como quem recebe bênção da mãe, antes de ir pra cama.
Como é natural, a poesia exigiu-me uma cadência musical, de tal maneira que cada verso tinha de ter o tempo certo de declamação, com a pausa devida para o verso seguinte. Tentei mudar isso, mas precisei obedecer ao impulso. Com poesia a gente não discute.

Sentindo as forças se acumulando contra ele, cordialmente
Recebe a madrugada em silêncios imperfeitos,
Com pensamentos de elevador.
(...)

Em algum momento,
Unindo a ação à palavra, num entusiasmo criador,
Põe nas letras alguma coisa a mais – que não tem nome,
Não tem forma ou tradução –
E... não é dito.
Haveria qualquer coisa gratificante
Em substituir a felicidade pelo dever cumprido,
Apertar os olhos, espremer a mão...
E fazer um exercício físico com o pensar.

De tal modo,
Porque é vazio... uma canção sem letra,
Carta não escrita de saudades, poeta sem sê-lo...
Sofre.
Remido em desencontros, ele sabe
Que a solidão cansa.

Ébrio de ar, suspira fundo...
(Pois cada palavra é um sopro que nos ajuda a voltar para casa)
Infeliz, trágico... lindo! Justo quando a vida faz sentido,
Porque a alma lhe visita, a palavra se expulsa.
Pressa e desconcerto, medo ou alegria...
O tempo fecunda suas mãos com o que lhe gasta a carne.
Eis que suas ideias, afiadas, colocam dentes nas palavras
E em cada verbo um desejo, encorajando os caprichos da vida.
Quando isso acontece,
Bate o peito, arde o pulso, sai um verso.
E com palavras deliciosas, o poeta...
Nasce o dia.

SEGREDO

08/05/2002 – 30 anos¹¹

Uma tarde sem propósito,
O olhar deserto nos dias de chuva em silêncio...
Virado à esquina do que não sei,
Descrevo a imaginação mal definida do que sinto,
De eu deixar sem pressa, no mundo
Um poema infinito e preciso
Do que nunca te direi
E escrevo.

Tudo, menos ter a verdade.
Que eu não saiba, como a morte,
Na consciência de que a vida passa,
Nas tormentas inconfessáveis do desejo,
Que amei sem embriagar-me, tanto
Que não te ousei contar.

11 Senti que estava insensível e me obriguei a fazer um poema sobre a falta de emoções. Perplexo, doeu imaginar que eu poderia, nos esconderijos do tempo e da memória, estar sofrendo a dor de um arrependimento inconsciente, quem sabe de um antigo amor que eu não me lembro mais. Nunca soube exatamente a diferença entre o que me era emoção e pensamento. Então me lembrei de uma menina ruiva, cujo olhar tímido e profundo se cruzou com o meu, uma única vez na vida, de tarde, no ônibus, acho que aos treze anos.

Como se te ver todo dia bastasse,
Num silêncio de mentir-me a ti;
Como se o gesto
Sempre inacabado de te amar
Fosse um íntimo concerto de timidez
Que à pele e ao público revela
Todo esforço de se esconder.

Mas você foi, embora
O jeito de que amanhã terei coragem,
Meu desejo ansioso de calma,
Finalmente quase chegou.
Por que a gente é assim...
Morre de saudades, mas não vive de paixão?
Demora no silêncio das intenções
E beija como fogo breve
O que boca alguma jamais adoçou?
Não é mais penetrante essa retraída visão
Que justamente desvia da amada o olhar?

É assim...
Mais verdade no que se oculta
Que mistérios do amor revelados há.
Calar o coração é mentir à vida.
Mas quem tudo cala, grita.
Sanha vil do ser poeta,
Que em falso levante afirma
E, se cala à vontade de dizer,
Mais bebe do que escreve na velhice
Os licores afoitos do impulso.
Vinhos jovens de ingênuas falas,
Nem sabem as biografias da palavra.
É preciso calar em demasia
E sofrer no silêncio a carne em verbo,
Que mentindo à fala, arquiva em versos

Gritos de um inferno algemados.
Fala demais quem mente ao coração.

Que imagem mais sincera
Que uma dor guardando o grito
No cadafalso esconderijo da verdade,
Que de tanta tristeza parece esperança?
Erro veloz essa força da paixão,
Capaz de tudo, o que não fiz.
Pois quando as loucuras são provas da intensidade
Do amor, nada mais resta
Saber que isso era antes solidão.

Minhas vontades, outrora um gigante meu,
No espaço em que eu sou o que nunca serei,
O mais louco amor que não se curou,
Um insano desejo médico de ser,
Agora são fantasias de domingo, em plena semana.
Máscaras que se recusaram deixar o rosto...
Belas de saudades e fortes de tristeza.
Músculos cheios do atônito amor de anseios
Que, por não amarem até não mais poder amar,
São feitas do mais sólido amor ausente.
Não demora, chego à conclusão, quase velho,
Que não sou mais a totalidade do que posso,
Apenas tudo o que fui, sendo.
E desviando a atenção mal voltada à janela,
Despercebidamente noite,
Sei-me o amor que, jamais o tendo vivido,
Comigo ao futuro há de vir esse passado permanente;
Condenado a ser por eterno
O desejo que jamais fará amor,
Como quem vive toda a força do que não viveu.

Às vezes, acontece de eu esquecer e descansar,
Quando tudo é insuficiente demais e, exausto, durmo.
Mas o todo é maior do que tudo,
Numa quantidade fechada de eus descrita em mim...
Totalitário de fora pra dentro,
Qual prisioneiro que se abre ao mundo exterior
Meus nexos constitutivos são despedidos do corpo,
Feito suor que escorre o peito.
Amor de bicho, em que a gente pode viver
Na breve duração do instante que passa,
Todas as cores e sabores do vermelho.
Mas é só um sonho.

No resto anônimo do crepúsculo,
Como quem vê e divaga no cinzeiro azul do tempo,
Olhando para cima,
Reparo a fumaça deliciosamente preguiçosa
E no ermo cigarro de minha consciência ao degrado
Penso em tudo o que sou
E me contento no que seria se tivesse sido.
Quem és tu que não conheço?
Pudesse eu ser apenas um nada à frente de mim mesmo,
Leve como a pele que se deita ao sol
E instantaneamente se queima de desejos,
Talvez eu fosse feliz.

Mas, se agora eu voltasse a te amar
E te pudesse dizer o amor
Que à vida inteira calei,
Tu saberias como nunca
Que eu sempre te amei.

FRAGRÂNCIA

2002 – 31 anos¹²

O Sol quer se deitar em minha pele,
Como se não tivesse pressa e eu fosse tímido.
Parece que vai pousar e... Pousou.
Um silêncio chega perto, bem perto.
Dá pra ouvi-lo de longe em meus pensamentos.
Vem e me toca,
Chega aos poucos aquela gostosa música antiga... que não me lembro mais.
Saboreio apenas a saudade que tenho dela,
Como ser afagado pelo sono macio e relaxante, ainda deitado,
Logo depois de acordar. Uma vontade distraída de sorrir,
No canto da boca,
O gozo guardado do tempo em que eu era
Um jeito secreto, sem jeito, íntimo de ser... E nem sei por que.
Façanha de respirar um segundo inédito da existência e,
Feito criança, conter risos entre amigos na frente dos adultos.

12 Eu caminhava no Bosque dos Buritis, em Goiânia, e, sem que eu notasse alguém em particular, senti uma emoção profunda, como uma vontade de chorar, algo com sabor de saudade e também um pouco de céu. Era doce. Um perfume. Sem me lembrar de nada em específico... e com certa vergonha de chorar do nada, em corpo adulto, eu logo busquei no papel o desabafo sensível, a sensação de que seria feliz a qualquer momento – sem saber o que fazer com isso – e, claro, uma tristeza gostosa de quem ainda ama o passado. Com o poema, eu chorei por escrito.

O que acontece comigo?
Caminho infinitas distâncias em meu olhar perdido.
Parece que vou ser feliz a qualquer momento...
É como quase comer chocolate e,
No desejo que o cheiro provoca, dar mais gosto à vida.

Tudo isso acontece...
Alguém, simplesmente alguém, passa
E sinto um perfume do passado.
Eu, que nem existia, ocupado em fazer coisas,
De repente e sem motivos, existo e amo.
Alegria o que me chega, não sei de onde e me leva
Para tão longe que me encontro em mim,
Habitando o meu lugar.

Esse aroma
Que me deixa tão bem, entre lá e aqui,
É fragrância do seu nome, que agora
Eu sinto muito.

CONJUGAÇÕES NO TEMPO DE AMAR

04/08/2004 – 33 anos¹³

Caminhava à janela por um instante de vida, para vê-la.
Ela sorriu pra mim. O que dizer?
Meus pensamentos tinham perfume, cheiro de céu azul.
As palavras de tão leves desapareciam-me como folhas de arco-íris ao vento...
Sem corpo, sem licença, eu me abandonei a ela
Como quem se abandona à cama, ao sabor do sono,
Com desejos de sonhar.
Ainda que estivéssemos no inverno,
A aurora, que doura todas as coisas, queimava
Emoções de baunilha em toda parte.
O vento morno da primavera lhe arrancava pedaços
De um fino e discreto cheiro gostoso de mulher,
Que em mim se deitava à pele.
Sua honestidade silenciosa de apenas me olhar e me sorrir
Ardia-me um desejo de ter direito a uma ternura
Inesperadamente minha,
Que não era outra coisa se não vida.

13 Nos corredores da faculdade em que eu lecionava, as portas das salas-de-aula tinham pequenas janelas de vidro. Então imaginei com os meus sentimentos o que eu gostaria de ver se tivesse uma janela mágica, numa outra porta, só minha, aberta para os segredos do meu coração. Senti um perfume... e um poema chegando. Ainda em pé, no corredor, entre alunos indo e vindo, busquei rapidamente um papel, tomei uma caneta e um pedaço de tempo, antes de voltar ao trabalho. Mais um poema.

Eu deveria parar e terminar a saudade de olhá-la.
O atraso da memória dava-me o tempo de outra vida, juntos.
Violência de amor que acalmava meus passos,
Sonhos da excessiva teimosia de herói em me demorar à janela.
Vê-la às vezes me fazia perder os sentidos,
Impor-me sua lembrança aos olhos.
Não se pode ao mesmo tempo ser verdadeiro e parecer verdadeiro,
quando se ama.
A saudade é o melhor vidro de perfume que se pode conservar.

Quando ao longe se advinha o amor, devo sair...
Encontrando em meu ser contente a recompensa
E depois voltar a calma a tudo.

AMANTE

10/08/2004 – 33 anos¹⁴

Guardando em pálpebras os sonhos da manhã,
O açúcar ao pão do operário, a paixão acelerando o tempo das minúcias...
Chega o dia, acordando os desejos da madrugada.
Quando todos ainda dormem,
Sabem as pétalas um vermelho de amor, úmido,
Tal que nenhuma amante
Jamais se deitou ao orvalho numa cama de veludo assim.

Para amar não basta disposição. É preciso muita nudez!
Ser nu é bem mais que se despir de tudo,
Porque a beleza nem sempre é uma oferta. Às vezes é um pedido,
Um convite para acender brilho no olhar dos que ainda não amam.
Belo é quem nos põe à pele o desejo
De retribuir o coração de uma vida melhor.

14 Frequentemente falo sobre o amor em minhas aulas de Filosofia. Analisada, a diferença entre “amar” e “ser amado” é grande, porém bastante sutil, já que ambos os sentimentos parecem ser igualmente bons. Quando formulei o último verso, a fim de ser didático em sala, inevitavelmente este poema inteiro se desabou em mim. Como não me emocionar?

Qual intimidade não recompensa o gozo da ternura
– Em aflição, delícia, murmúrio e fogo –
Quando se lhe aquece um sorriso pelo canto dos olhos?
Sim... erótica é a alma de um corpo aceito.
É preciso reconhecer a beleza da nudez,
Um sacrifício nisso tudo, que não é um sofrimento.
Transformar cada perda um ganho de humildade,

Tornar sagrado aquele que se ama: eis o sacrifício do amor.
Fazer amor é gozar a vida juntos, poesia de carne e alma,
Porque despir-se ao outro não é vesti-lo com nossas intenções. Antes,
É ser grato por inteiro a quem nos fez sentir mais perfeitos. Dar-se.
Há diferenças:
Ser amado é muito bom. Amar é ser bom.

AS MIL CORES DO AMOR

22/07/2004 – 33 anos¹⁵

Por que o céu é azul, se a cor do ar é invisível?
Onde exatamente começa o céu, se o ar que piso é o mesmo das nuvens?
Acaso a atmosfera aqui embaixo é menos azul do que no alto?
Não.
Os bons respiram o céu todos os dias, porque o céu nunca foi um lugar.
Mergulhados no milagre da cor que ninguém vê, descoloridos,
Somos anjos de uma asa só, à procura de um amor que nos eleve.
Um pulo, alguns instantes no ar,
E estaremos alguns instantes... no Reino dos Céus.
Quem queira entrar, que deseje as alturas.
Tornar-se mais leve,
O abraço macio,
A fala tranquila
E o caminhar suave... são princípios de levitação.

15 Ficava sempre a olhar para o céu, em silêncio, antes de entrar em sala de aula. Facinava-me um mesmo céu unindo todos os povos e todas as crenças, sem demarcações de fronteiras, como uma grande e produtiva fazenda, sem cercas, sem donos e sem disputas. Via o céu como o solo azul da Terra, como se nele eu fosse uma abstração de cabeça pra baixo. Um dia, de repente, vi-me todo abastecido por um estranho combustível espiritual, algo como vontade de chorar e rir, sensações de leveza, descoberta e formigamento. Tudo fez nítido sentido. Então, era “só” encontrar as palavras de tradução, as melhores e mais doces que eu pudesse colher naquele momento. Nasceu o poema, ali mesmo, no pátio da universidade em que lecionava, perto da lanchonete. Foi uma aula linda.

Liberdades do gozo de rir em paz, euforias de ternura e músculos.
Qualquer delicadeza diminui os pesos da vida,
Porque a alma é coisa tão física quanto beijo quente. Gestos de carinho.
Feitiço capaz de tocar não só a pele, mas o colorido que nela se deita.
Como um perfume para o vento o seu valor,
Sabe o corpo num pensamento distante.
Faz sentido,
Por isso que o amor é azul!

PRETA-VELHA DE ASILO

1998 – 27 anos¹⁶

Uma criança que andou rabiscando o tempo na pele...
Com maquiagens de velha.
Dias desenhando no corpo outras aparências.
Um jeito demorado, custoso... de ser menina.
Velha menina que hoje brinca de rugas quando a pele sorri.
Ternuras de lã, cheiro de café e tabaco, e olhos de açúcar com canela.
Amor de rosas de jardim, perfume de bom coração.
Biscoito de queijo, se tivesse.
Abraça antes de chegar... e a gente não sabe onde pôr as mãos.

Do lado de fora sentada, calada, rindo... Sonhos de bondade.
[Então havia pensamentos e outras gentes que passavam por ali...
Sempre passaram.
Outros milagres e anjos sem igreja,
Cumprindo jornadas e estranhas lições de viver.

16 Vendo idosos pedintes na calçada, na Rua 3 com a Avenida Goiás, em Goiânia, eu me perguntei: qual a diferença entre a sabedoria dos espíritos da Umbanda e os mais humildes dentre os mais humildes pretos velhos esquecidos na miséria dos asilos do nosso Brasil?

Escrevi este poema (e o reescrevi em outubro de 2010) com vergonha de pensar que muitas vezes somos capazes de consultar e idolatrar os mitos religiosos – quais forem –, mas não de dar atenção ao sagrado do outro, em qualquer esquina do cotidiano. É como amar a humanidade e não enxergar o próximo.

Guardo esse poema com muito carinho na minha coleção de subjetividades.

Gentes com paciência de vida eterna,
Que, distraídas, ainda chamam de rotina. E dormem.
E do outro lado da rua, do lado oculto da cidade...
Do outro lado de tudo, bem ali –
Feita de uma beleza invisível, uma essência física de poucas aparências,
No terreiro das avenidas, no chão batido da vida, havia uma preta-velha]

Tossidos grossos, uma pitada de fumo e uma cuspida boa, de lado.
Vulgar, mas de coração.
Risos gostosos de quem soube escutar, e um jeito incrível de dizer:
“No que ocê precisá... a nega véia tá qui”. Deus abençoe.

A FOTOGRAFIA DE UM SORRISO

1991 – 20 anos¹⁷

Seu gesto era elegante, um sorriso bonito
Desperto sobre minha total rendição.
Ali o tempo não se movia,
Era um contentamento errante,
Nada poderia ser dito
Sem quebrar o frágil instante,
A imobilidade, a forte emoção
De uma felicidade sem destino qualquer,
Que no silêncio me comovia
O sorriso daquela mulher.

O elogio agradável do seu rosto
Impedia-me a vontade de falar.
E guardei na boca somente um gesto de poesia,
Como um beijo de mil palavras.
Foi quando minh'alma, tímida, ousada e inquieta,
Feito janela presa em travas,
Cantou nos meus olhos o gosto
De nunca esquecer a fotografia
Do anjo que fez de mim poeta
Na cálida paixão do olhar.

17 Eu me apaixonei pela balconista da farmácia. Ela nunca soube...

Linda e linda...
E naquele momento um sorriso de criança
Veio ficar para sempre ao meu lado,
Como fotografias que não envelhecem,
Como uma saudade jamais finda.
Mesmo quando tocar é preciso...
O que a mão não alcança,
O coração abraça apertado,
Feito olhos que nunca esquecem
A beleza de um sorriso.

MÃEZINHA

Jan. 1987 – 16 anos¹⁸

Carinhosa...

Do teu corpo, belo trato,
De uma forma, estranho jeito:
Teu retrato
No meu peito.

Carinhosa...

Este poema introvertido,
Como flor de laranjeira
Tem sentido
Pra quem cheira.

Carinhosa...

Me amanhece a cada sonho.
Na cantiga de um alento
Tão risonho
Sopra o vento.

Carinhosa...

Tenho a razão preferida:
É o nosso amor infinito.
De tua vida
Necessito.

Carinhosa...

Na minh'alma de menino
Se entristeces, te consolo
Pequenino
No teu colo.

18 Logo seria o aniversário da minha mãe, tão querida, mas eu não tinha dinheiro pra presentes caros... Ela fazia tudo por mim... E eu? Comprei um ursinho de pelúcia bem baratinho, nas *Lojas Americanas*, com tudo o que tinha. Fiz e entreguei o poema, com vergonha. Poeminha. Queria que fosse uma canção de amor, mas não me ocorreu nenhum ritmo ou melodia. De música só conheço a nota dó.

PABLO

07/02/2002 – 30 anos¹⁹

Cresce, vasto bem...
Foge o meu senhor distante,
Navega meus quintais.
E olhá-lo correndo, infante
Vou-me. Junto o tempo vem.
E de saudade no peito, farto
– O coraçãozinho, meu filho,
Fora de mim, ele bate.

Meu eu, em mim, não pode mais.
Aqui mal existe de pequeno,
Mal gente, em casa, ele parece
– De inteiro, nem um quarto,
Mas, de vasto amor, o que me resta empilho.
E, se não me caibo, tamanho arremate...
À manjedoura cuida o feno.

19 Durante uma palestra entediante na faculdade, à noite, eu senti muita saudade do meu filho. Como eu o amo, meu Deus! Quis escrever um poema sobre esse amor, mas antes foi o poema que me fez, melhor. Toda grande poesia de amor, para mim, é um bem supremo. Meu anjo tinha quatro anos.

Deu-me em carne, Deus em pele e manto,
Meu sagrado veio carmim
Que me corta, me cura, me invade,
Essa paixão sem empecilho,
Emoção de fogo e prece.
Só de vê-lo, o amor é tanto...
É tão grande que dói em mim!

CONSOLO

14/03/2007 – 35 anos²⁰

O mundo está de partida.
Não me peças agora para ser tão natural, que a morte nunca foi leve.
É um amor sem entrega, um abraço ao vento
E um difícil agradecimento a Deus.
Hoje uma eternidade repousa em mim.
Termine minha vida quando terminar, ela aí estará por inteira.
Tudo se demorou em estar sempre completo,
Como uma formatura à espera do diploma, em qualquer escola da vida.
Nenhum tempo ou erro foram desperdiçados,
E até meu sono cumpriu o seu destino.
Eu sei que todas as pessoas me seguirão na morte... e lá jamais estarei só. Lá.
Morrer é voltar pra casa, reaprender a ser eterno.
Aqui somos todos imperfeitos, dádivas contidas, sementes completas.
Os céus querem tanto a perfeição dos homens que os fazem nascer crianças,
Para que a Terra venha brotar maturidade em suas almas.
Germinarem o tempo.
Só as rugas de amor rejuvenescem o espírito.

20 Soube que uma pessoa desconhecida estava para morrer, com câncer. Era o tio de uma amiga muito querida. Queria que o meu coração fosse parente de todos, que eu amasse a todos igualmente, mas isso não acontece. Como prática, exercitei um caminho, um método psicológico: “e se ela ou meus filhos morressem, teria eu consolo?”. Recolhi meus sentimentos e quis morrer também. Com surpresa, essa imaginação da morte trouxe-me também o desejo de viver mais um momento, e dizer últimas palavras. Ao contrário das últimas, chegaram apenas as mais recentes. Renasci, e amei mais.

Mas as asas vieram buscar meu pequeno anjo,
Que ainda vive as primeiras primaveras.
Eu sei que as flores morrem no inverno. Morrer é natural, mas
Por que achamos que o nosso amor é diferente?
Ele sempre me trouxe perfumes,
E a beleza dos sonhos de quem visita o jardim.
Quando a noite retirar sua alma para sonhar, seu corpo vai dormir no chão,
Sem dizer nada.
Eu sempre achei que ouvia seu sorriso no pôr do sol. Ouvirei mais.
Como pode o corpo partir antes da vida, se ao coração basta amar?
A saudade é um sonho de abraços e beijos, e um desejo de não acordar
Sozinho.
Desejo não abrir os olhos.
Mas quem vive, vive porque ainda tem frutos para dar.
Acaso a primavera é tão perfeita que não lhe cabe mais um grão de vida?

– Oh, meu Deus! É natural que o amor volte para casa.
Ensina-me a deixá-lo ir.
O passado é adubo. Somos todos sementes...
Se o grão não morre, não nasce a vida.

SONETO PARA NÃO PERDERES TEMPO

1996 – 25 anos²¹

Há algo no teu olhar que a vida procura
E teu peito, a fugir, disse quer tanto,
A fugir de qualquer dor ou amargura,
Que o teu sorriso guarda um desencanto.

Essa busca em silêncio é uma tortura,
É uma felicidade disfarçada,
Que no medo de sofrer mais perdura
A vida cheia de medo, tanto e nada.

Na manhã o tédio, nas noites loucuras.
Mas, quando o tempo faz conta ao teu lado
Vê-te, triste, que ainda está vazio o peito.

Porque na vida, tudo o que procuras,
(O que importa) não é mais pra ser achado,
Mas, antes, pelo teu coração feito.

21 Tinha certas verdades a dizer para uma pessoa que ainda mal conhecia. Oportunidade e intuição, pensei em uma verdade universal que pudesse ser dita, feita sob a medida íntima de cada um, como uma alma de todos os corpos. Na verdade, apenas coloquei minhas próprias buscas de forma universal. Coloquei em poesia.

SOBEJANDO SAUDADES

1986 – 15 anos²²

1. Sai,
2. Sonhando,
3. Subitâneo.
4. Saias... são só sonhos,
5. Sangrando saudades,
6. Segando sentimentos,
7. Sem sal, sem sabores, só.
8. Sapateara suadouros sambas.
9. Saciara sábados sorrateiros,
10. Sempre sedutor, semeiei senhoritas.
11. Sim, santas, sedentas...! Satisfeito, sevo!
12. Sentidos suprassensíveis. Sensualidade.
13. Sabichei sacanas, subtraí salários. Safei.
14. Sei, sofrendo semelhante senzala sífilítica,
15. Saindo soldado, sequer sorrindo. Semblante selado.
16. Só sapatos socados, solados, semissólidos, sóidos.
17. Sabuja soberbia, sina suicida... Sou, sobrevivo... Sobre.

71. (...)

22 Entediado com as infinitas repetições das mesmas letras, no curso de dactilografia, e por gostar de ler o dicionário, decidi fazer algo útil na aula, durante os exercícios. Comecei com uma sílaba poética... (a mesma que digitava) e aumentei o desafio. O poema adquiriu personalidade própria e, subitamente, vi-me possuído pelas memórias imaginárias de um homem mesquinho, fútil e desprezível, com 71 anos, a morrer de doença. Naqueles instantes eu me senti profundamente cansado, velho e vil.

A DESPEDIDA DE DRUMMOND

18/08/1987 – 16 anos²³

Quando ouço a vida de fato,
Reescrevo-me, me refaço.
Busco no álbum meu retrato,
Antes que eternize no aço
Trancado... à lembrança. – Às traças!

Quando ouço a vida de fato,
Já é de noite, já é cansaço.
Pinto-me com muito tato
Nas manhãs em que me enlaço
Vivido... à lembrança. – Às graças!

Quando ouço a vida de fato,
Foi-se a corda, foi-se o laço.
E inconfidências resgato,
Em memórias que só eu traço
Selado... à lembrança. – Às praças!

23 Imediatamente ao ouvir pela TV a notícia da morte de Carlos Drummond corri para o meu quarto, engasgado na alma. Foi estranho. Era como se tivéssemos sido amigos íntimos e eu o visitasse com alguma frequência – o que só acontecia nos livros. Quis despedir, dizer minhas últimas palavras ao velho amigo. Quis chorar, mas aconteceu outra coisa: em poucos minutos nasceu o poema. Não sei o porquê, mas estes tinham de ser versos com exatas sete sílabas poéticas. Incrível como os meus sentimentos à época precisavam ser formais para serem profundos e sinceros.

Quando ouço a vida de fato,
Embriago-me, me embaraço.
Em vinhos rio, vivo e mato
Em trôpegos o entrelaço
Bêbado... à lembrança. – Às taças!

AS ESTRELAS DOS OLHOS DELA

1987– 16 anos²⁴

Uma ode às estrelas secretas do infinito:
– Oh, procissão de estrelas que meu tempo inverna!
Venha em glória e brios dos meus olhos vossa vida,
Que tantas vezes noturnas poéticas fito,
Como um bicho que abandona a própria caverna
Pela beleza da imensa noite querida.

Oh, mais belo e trágico romance desfeito!
Amo o brilho de uma estrela que já morreu,
Mas su'alma vive no céu, como tudo um dia...
Alma sem corpo de um gigante amor-perfeito,
Gotas de sol estilando à noite Romeu,
Seja sempre o fogo branco que me arde e guia.

²⁴ Sozinho, escrevi o poema em uma imensa noite de lua cheia, em cima do telhado, onde eu costumava subir para admirar o céu e pensar silenciosamente nos destinos da vida. Nasci eternamente romântico, a vida me quis assim. Fiquei fascinado com a descoberta de que algumas das estrelas que eu via já não mais existiam. Então pensei que o mesmo poderia acontecer com o brilho de amor nos olhos de alguém. Pela falta de claridade tive que terminar o poema na calçada, debaixo de um poste de luz. Meu romantismo à época era de estilo clássico, por isso a necessidade de versos dodecassílabos.

Uma ode às estrelas que esta noite seduz,
Eternidade viva sobre a morte delas,
Filosofia em versos de uma oração divina.
Nem que mortas sejam as chamas, vaga a luz
Nesse azul das interioranas cidadelas
Ou no brilho dos olhos de alguma menina.

ESTRANGEIRO

1986 – 15 anos²⁵

Índias terras de Portugal,
De vermelha ibirapitanga,
Que El Rei ceifa, se farta e manga
O adeus verde descomunal.

Mui há nessa terra quem crê.
São todos valentes de fé,
Tão raças! Tupi Macro-jê...
De adubo se fazem até
Que a terra carmim tudo dê.

Dores, lutas no obeso chão.
Na morte a fama é espiritual.
Do arco a flecha não morre, em vão
Vence a armada de Portugal.

25 Lendo sobre a história do Brasil, para tarefas do colégio, imaginei-me fazendo um discurso apaixonado num parlatório, vestido a caráter, com bigodes de Rui Barbosa, ainda nos tempos do Império, defendendo orgulhoso a brasilidade do meu povo. Livros de Geografia e História me fascinavam. Senti, compulsoriamente, que esse poema histórico tinha que existir em versos octossílabos e com rimas ricas. Tinha que ter exatamente essa a cadência da sonoridade. É musical. Ele não pode ser lido em voz silenciosa! Na muda impossibilidade, que outro cumpra a gentileza. Dos poemas chamados “meus”, julgo, este é sem dúvida um dos mais gostosamente harmônicos, feito para ser declamado.

Do mar ao solo o negro vem.
El Rei castiga a pele escura
E dá à viva carne seu bem,
A fé que à dor o sangue apura.

Músculos de caráter, tez.
Um povo amálgama e vindouro,
Que nem rijo o fado, há vez
Dele arrancar o brilho do ouro.

Prole rubi, carvão e cristal.
Essa pátria é rica e nem sonha,
Enquanto se lhe acama o mal
A'sperança deita em sua fronha.

E o tempo sempre faz, história
De uma dor que em finito avante,
Confessar que, por Deus em glória,
O povo aqui nasce gigante!

CARACOL HUMANO

1987 – 16 anos²⁶

Quando saí de casa pisei num caramujo.
Ele estava só, sujo.
Talvez nem tenha notado
Que...
Já tive amigos caramujos
E que tantas vezes caramujamos juntos,
Juntos...

Quando fui um caramujo conheci um caramujo.
E dizia:
Quero te amar, te amar... e me lambuzar todo.
Quero te amar, te amar... e me lambuzar de novo.

Quando saí de casa pisei num caramujo...
Talvez nem tenha notado.

26 De fato, quase pisei num caramujo quando saí de casa, no primeiro degrau da escada. Ele era tão insignificante que me chamou a atenção. Teria eu já pisado alguma vez em outro, sem perceber? Então, senti-me na obrigação moral de me colocar no lugar daqueles que eu ofendia sem perceber. E o caramujo que eu salvei estava a me salvar... Por muito pouco também não queimei este poema junto com a maioria dos da época.

SERÃO

1989 – 18 anos²⁷

Corra,
Vá ter felicidade!
Vá que eu lhe alcanço mais tarde,
Ainda tenho o que ganhar.
Você já está atrasado.
Corra antes que o mal tempo venha.
Vá! que eu lhe alcanço mais tarde.
Mas,
Se por um acaso eu não chegar,
Foi o tempo
Ou o ônibus.

27 Dentro do ônibus lotado, a caminho da faculdade, escrevendo em pé. Adorava aquele gramado verde bonito do Setor Itatiaia, em Goiânia, que me dava vontade de ser feliz, antes de as aulas começarem. Minutos contados de felicidade. Pensei nos operários que vivem e amam, atrasados, nos ônibus. É só um “poeminho”. Ainda assim, nele me acumulam poderosas saudades do tempo em que eu era (acreditava ser) simples de coração, um estudante adolescente de Filosofia, apaixonado pelas humanidades. Por que esse pobre poema sobreviveu? Puro egoísmo publicá-lo, sem desculpas. Mesmo não sendo boa arte universal, os sentimentos que através dele me possuíram foram profundamente marcantes. Ainda hoje me comovem e me convocam.

UM DIA DE NATAL

1987 – 16 anos²⁸

Vi primeiro a margem do horizonte,
Não tinham momentos nem trasgos
Em minhas madrugadoras dúvidas,
Reivindicando explicações.
O dia fulminou em rasgos
De nuvens e de bronze,
Celebrando-se os ladrões
Contra meu estilo, próprio cântico.

Depois o tempo acabou fugindo
Devagar, no fim da rua, por trás das coisas,
E eu, muito romântico,
Fiquei a olhar a janela, com tato.
Janela onde deixei
Brilhando, bonito, novinho...
Um sapato pr'o Natal.
Mas roubaram meu sapato!

28 Deu-me uma vontade tão grande de satirizar a literatura românica clássica do século XIX, com o meu espírito adolescente pseudomarxista, de poucas leituras. Sem revoltas... Era só uma distração de humor.

SOBRE COMO ANDAR DE ELEVADOR

12/11/08 – 37 anos²⁹

Silêncio de elevador, ao lado de estranhos.
Por dentro não sei o quê,
Todos os pensamentos substituídos pela contagem dos andares,
Alívio que me impede ter que olhar outros olhos e dizer alguma coisa.
Dizer o quê?
Um relógio de números, sem ponteiros, sem palavras,
E o tempo sem envelhecer.
Tudo paralisado, menos o elevador.
Nos elevadores a vida tem segundos.
Mas o que são vinte segundos de vida, a pensar?
Sei olhar as horas, mas não sei o que é o tempo.
Os que têm relógio controlam o tempo?
Se vivesse minha existência num elevador...
Eu teria a vida de um filósofo.
Tudo é mais fácil quando há espelhos sem testemunhas.
Vaidades de camarim.

Vontade de não mexer os braços...
E se por acaso eu me encostasse em alguém?
O que eu teria que pensar? O que sentir numa hora dessas?
– Meu Deus!!

29 São muito engraçados o congelamento e o constrangimento existenciais das pessoas durante uma “viagem” de elevador. É incrível como as pessoas geralmente têm medo de tocar e de serem tocadas com gentileza. Perdida a infância, é grande a dificuldade de se ser naturalmente humano.

Estrangeiro para mim mesmo,
Meu corpo se acumula em volumes de vazio e silêncio.
Entrar no elevador é como meditar, mas sem paz.
Pensar em como não pensar em nada.

[Emoções de contenção]

E penso: seria um ótimo ouvinte ou apenas falo pouco? Enfim...
O elevador para e a porta se abre ao mundo exterior.
Décimo andar. Volto a existir.
Quem pode deter um momento para além dele?
Então, todas as dúvidas desaparecem.
Dou um passo como quem sempre existiu...
Recupero os pensamentos, o corpo, e com eles uma certeza:
Triste é um homem viver sem TV, celular ou internet.
– Ai dos filósofos!

CALVIN KLEIN

1987– 16 anos³⁰

Menina,
Tenho uma tese do amor,
Hiperbiopsicotermoquimicoeletrodialética... simples!
Que propõe e defende minha libido inconsciente
(Sei lá se é inconsciente?!)
Que está ordem fora de órbita,
Carga que tende à eletricidade da sua tez,
Por atrito, contato e... pelo desejo de indução.
Quem não quer mulher prefere o método divino: – Eva e Adão!
Tudo bem, eu só quero lhe dizer:
“Minha medula espinhal precisa de você!”
Com todas as suas uracilas e citosinas...
De verdade,
Quem não tem química não rola física, nem vai ter história.
O mais importante é ser nietzschiano e ganhar o Prêmio Nobel
Em Kelvin, Celsius ou Fahrenheit, seja como for...
Isso não tem a menor relação com o amor protéico-vitamínico,
Com a dívida externa negativa,
Nem com o ânus glicosado da rapaziada.
Quer saber?

Menina,
Me traga um café que o poema já acabou.

30 Eu queria por tudo fazer um poema sobre café. Essa palavra é linda e excitante. Achei elegante o fato de que na França se tomava café discutindo cultura. Mas poetar sobre o que, especificamente? Então me veio uma caricatura: um debate esnobe, com intelectualismos, moralidade e humor... Ri muito. É um dos meus poemas de solilóquio, para tomar num café filosófico, com licor.

PONTO DE VISTA

1987– 16 anos³¹

Conseguir no querer prédio intensamente, sem sentido.
Quase palavras, nada mudo. Não deixa dizer!
Imensidão mais forte alto.
Va-ga-ro-sa-men-te. Para!
... Pera pira pora, puríssima.
Do que mesmo você não se lembra?
Sobre o que você não quer falar?
Pensa que sou cozinheira já pensando o tempero...
A bebida e o marido?

Eu não sei. É... Talvez, há? É... Há?
Eu não sei.
Por que tudo eu, logo eu, sempre eu?
Limão, navio... E adoro geleia!
O carro é azul.
– Silêncio, vou limpar o ouvido!
O cotonete?

31 Apaixonado por Filosofia e Psicologia, perguntei-me sobre o que faz de alguém “louco” ou “normal”. A resposta é um poema: um ponto de vista. Época de vestibular...

Não imaginam que talvez eu seja feliz, desse jeito
Em algum lugar entre lá e aqui.
E me chamam de louco! Acha que isso não exige coragem?
Nessa vida, quem não rala não faz pamonha.
Eu me pergunto:
De quem deve ser a compreensão, a compreensão?
Há compreensão?
– Quieta, o seu olhar me assusta!

ÂNUS GLICOSADO

2002 – 31 anos³²

Tenho vergonha de fazer cocô.
Na verdade, tenho vergonha dos outros saberem que eu faço cocô.
Se o banheiro é coletivo,
Acho que todos estão me olhando, me culpando.
Freud disse que é porque tenho um complexo.
Minha mãe teve nojo, fez cara feia ao trocar minhas fraldas,
E eu fiquei traumatizado, analisado, com analidade.

Uma mulher nua bonita é bonito.
Uma mulher bonita fazendo cocô é feio. Absurdo concluir,
Porém, o que é menos natural?
Que Aristóteles diria que isso é lógico?

Especialistas têm dúvidas sobre o assunto:
Quando um casal é muito íntimo, já fazem cocô juntos,
Mas quando perdem o que tinham de mais singular,
A maior idiosincrasia da civilização de cada um:
O fazer cocô em segredo
– Cocô, no bom sentido!

32 Após ler *A Negação da Morte*, de Ernest Becker, lembrei-me de que, quando era criança, a minha irmã mais velha, na época adolescente, certa vez falou sobre pessoas que ela chamava de “cocozinho”. Na época, aquilo me pareceu algo inteligente para se dizer, para eu repetir oportunamente nalguma crítica social. O poema veio, anos mais tarde, em um delicioso desabafo, por quem não tem o feitio de usar palavras.

Isto é, aquilo que ninguém pode fazer pelo outro.
Parece que o casal já está sem namoro, sem conquista... distante.
Então, não há mais respeito, interesse, romance.

Dialética:

Banheiro de porta aberta demonstra relacionamento íntimo,
Se se estreita demais a intimidade o casamento se suja todo.

Chave:

Deixe a porta aberta... e finja que não vê.

A intimidade amiga está na cumplicidade de se espiar discretamente,
Cheirar e não dizer nada,

Ouvir e não comentar... E nem rir também.

Cagar é bom, alivia... Emagrece!

Prova de amor é aceitar o cocô do outro como o de si mesmo.

Aceitar não é concordar! O amor verdadeiro nem sempre é sincero.

Aquelas pessoas que parecem que nunca fazem cocô

São chamadas de “cocoziho”,

Têm na pele o que guardam fresco na higiene diária do esquecimento.

Afinal,

Por que pensar que o próprio tem aroma melhor que o dos outros?

Quando não se sabe a diferença, o grosso da verdade se esmorece.

Na urgência, tudo é uma possibilidade... Sem testes,

Os que se acham melhores olvidam que

No desarranjo somos todos iguais:

Reis e plebeus sentam no mesmo trono.

O pior tipo de frescura é o “ ”... doce,

Alguém que quer, mas não quer; dá, mas não dá.

E retém pra si, não põe pra fora, não libera. Fica frustrado e enfezado,

Cheio de “não-me-toque” – quando é fresco, cuidado: não toque!

Talvez, pior que isso sejam os que por fora se mostram imaculados,

Mas debaixo dos panos estão sujos,

E fazem na vida pública o mesmo que na privada.

Bom, deixa isso pra lá...

Eu sei que o poema é nojento, mas não seria se eu tivesse cinco anos.

Tudo seria natural, sem vergonha e até lindo!
Como só uma criança sabe fazer.
Seja como for, essa não é uma boa temática pra poesia.
Como diz o ditado: quanto mais mexe... Melhor não insistir.
Talvez o desconforto moral seja, em mim, apenas falta de maturidade.
Vergonha de ser adulto.
– Tomara que a minha mãe não leia este poema!

PROBLEMAS? (OU) QUESTÃO FILOSÓFICA

26/09/2004 – 33 anos³³

Nem sempre a resposta a uma pergunta é uma solução.
Quase todas as respostas não solucionam problemas.
Afinal, de que vale uma resposta verdadeira se a questão é errada?
Quem dá mais atenção à resposta do que à pergunta
Tem outro problema:
Confunde a reparação do erro com erro de reparação,
Porque a pergunta correta é
Tanto o problema da resposta quanto a questão do problema.
Todavia, se até as melhores respostas são guias e não soluções,
Qual é a questão? Simples:
Nenhuma pergunta é idiota se a resposta for sábia.
Dá sempre a melhor resposta quem reelabora a pergunta.

33 Aula de Filosofia dada por um poeta dá nisso... trocadilhos de reflexão.
Síntese de uma aula que ministrei sobre a importância do questionamento
do óbvio.

SENTIMENTOS DENSOS

05/10/2004 – 33 anos³⁴

Sento de costas para a parede, olhando a entrada,
Mas tudo que vejo é uma saída.
Vejo os móveis da sala, e algum detalhe descolorido no chão...
Como quem deseja se desapegar do corpo, pra pensar melhor,
Deixo aos ombros cair todo o silêncio do mundo, acumulado, nos cantos,
Sozinho em casa.
Cobiça de um desejo frio de voar à morte, para ser mais leve.
Sensação que o abismo exige de quem ama o desconhecido, e se entrega
Ao desejo de não mais ter vontades.
Por que é tão difícil não querer olhar para dentro de uma porta aberta?
Janelas fechadas existem sem intenções, como pedaços contínuos de parede,
Mas uma fresta é sempre uma possibilidade do lado de fora,
Desabrigando sentimentos, como um eixo de gravidade, pesando
À memória tudo o que não se deve lembrar.
Que ninguém ouse olhar muito tempo o vazio das coisas,
Esse ímã de insuficiência preso a tudo o que nos incomoda.

34 Com sentimentos densos, sozinho em casa, fiquei olhando a porta aberta e me lembrei de uma antiga piada: “por que o cachorro entrou na igreja? Porque ela estava aberta. E por que ele saiu?...”. A simplicidade patética da anedota me fez pensar que tal como existe uma lei da gravidade, para baixo, também há uma lei das expectativas pesando o olhar. Misturando filosofia, emoções de angústia, prazeres inconfessáveis e sensações que eu não saberia definir, reuni todo o “material” para fazer um poema. Depois, carregado e sofrido, fui para o teclado do computador... e comecei a imaginar como seria o tempo deserto da solidão. Às vezes eu simplesmente tinha de escrever um poema. Obrigações de escritor.

A maior parte de tudo o que se vê **não se vê**. Está lá:
Suposto, visível em segunda opção.
O que seria um objeto sem avesso, sem volume nem profundidade –
Essas coisas da alma?
Eis como seria o mundo se não existíssemos para ele:
Um desenho sem autor,
Uma verdade jamais conhecida,
Papel de um lado só.
Não tirássemos da alma e imaginássemos o resto...
O mundo seria menos que a metade.
Não vemos o mundo como ele é, mas como nós o completamos.
Quem desiste des-existe.
O único registro de vida é a transformação.
Nesse exato momento talvez haja uma imensa visão de alegria...
Mas ninguém para vê-la.
Quando a curiosidade está ausente para visitas,
A poeira sobre o vidro faz parecer que o tempo envelheceu demais.

Buscaria alívio no céu, no escorrer da chuva, se houvesse.
Pequenos detalhes, grandes aos meus olhos...
Pensamentos meus selados com pálpebras de janelas
E o mundo inteiro do lado de fora, em espera.
Incrível como a solidão ocupa espaço e me expulsa fora de casa.

CRUCIFICAÇÃO

07/09/2004 – 33 anos³⁵

Tantos dias de viagem
Naquela sensação de eu saber que tenho uma alma, a procurá-la.
Um silêncio de espera... lúcido, convicto, cansado.
No dia seguinte, de repente, trinta e três anos depois, fiz-me aniversário.
Quando foi que envelheci tanto?
Cristo já havia salvado a humanidade e eu ainda nem salvei o mundo,
De mim.
Quando eu me sentir velho pensarei na juventude.
Agora, apreçar sem pressa o valor da vida não posso mais.
A culpa antecipa as respostas que se calariam com o tempo,
Envelhece as horas sobre a mobília da casa,
Desabitando o quarto e as janelas da sala.
Há...
Se eu tivesse ao menos leões que devorassem a vergonha de eu ser
Quase cristão.
Quase isso, quase aquilo... De tudo fui quase.

35 Um dia ouvi no bingo que “a” idade do Cristo era 33. Mas, como pode isso? Ele teve outras idades quando mais jovem. Minha imaginação tomou posse... Dei-me conta de que na mesma idade eu ainda não tinha feito nada significativamente bom na vida. Esse foi um ano marcado pela culpa religiosa. A ironia é que enquanto Cristo falava em perdão, os cristãos só ouviam culpa. Por fim, crucificado de culpas, tentei salvar minha alma com um poema e uma filosofia sobre o pseudo cristianismo em todos nós.

Queria ser tão absoluto
Quanto o amor sem dúvidas e o poder sem culpas,
Mas o inquilino da fé alheia só se convence doutrinando os outros
Sob o argumento de que a maioria não pode estar errada.
Nunca foi o bastante estar certo.
Não basta dizer a verdade, é preciso parecer dizer a verdade.
Verdades... se muitas machucam, se poucas desvalorizam.
Fidelidade exige não dizer mais do que se quer ouvir.
Antes sincero que verdadeiro.
Afinal, pra que serve uma verdade sem convicções?
Eu até morreria por um grande ideal, se teoricamente.
Com tudo, só o diabo pode dar aquela vida que se pede a Deus.
Sem remorsos,
A culpa é o orgulho se convencendo de que a dor tem direitos sobre o
mundo.
Secreto alívio, o prazer da vítima é o consolo da publicidade,
Ainda que imaginária.
Pois é... o sorriso diz coisas que os dentes não mostram.
Cristãos sem alma, eis o perigo:
Nem sempre aquele que mostra os dentes sorri.

NASCIDO ANTES

05/10/2004 – 33 anos³⁶

Ter família é como ter religião.
Felizes os pais que gozam a alegria dos discípulos.
Qual filho nunca foi obrigado a amar seus pais,
Sob a culpa e a chinela?
Reis de um pequeno reinado, só os pais podem maltratar,
Com amor e justificativas, claro!
Amar é não ter poder sobre ninguém.
Não se deve acreditar no poder do amor.
Adulto é quem sabe olhar seus pais não como autoridades,
Mas como amigos.
Caçula de mil vontades,
Infantil é quem tem medo de reprovação ou vaidade de elogio.
Colegas de escola, na vida somos todos crianças.
Há uma só idade, a dos que sabem, ou não, recomeçar.
No mais, o corpo.
De resto, a família, propriedade recíproca dos fiscais da emoção.
Alfândega delicada.
Pais e esposas, filhos, vizinhos e namorados...
Todos repetiriam o que dizem se fossem obrigados a se ouvirem?

36 Foi um ano de sentimentos difíceis, em que meu coração alimentava-se de muitas críticas sobre tudo. Um ano religioso significativo para mim. Lembrando Cristo e Freud, quis um dia escrever sobre a diferença entre ser criança e ser infantil. E pensei: quem e o quanto eu sou?

De uma forma adequada,
Parece inapropriado falar o que se quer ouvir.
É a melhor maneira de dominar alguém: dar-lhe a ilusão da liberdade.
Escolhas de açúcar.
Fácil como dominar crianças, vantagens do suborno:
– Mamadeira pronta, a vaidade é doce.
Fácil entender por que o poder dos poderosos é a fraqueza dos fracos:
Quem não se cria é cria dos outros.
Os verdadeiros parentes sempre foram os amigos.
Diferentes sim, desiguais nunca.
Só uma pergunta:
Por que um pai se esquece de que também é um filho da mãe?

DOGMA

15/08/2004 – 33 anos³⁷

Olhos tímidos ao consolo, meu caro filósofo!
Como aceitar que os deuses do Olimpio são mais bonitos
Que os do Candomblé?
Se for galante brincar de Hércules,
Não o seria também de Mamãe-Oxum?
Ademais,
Quem tem medo de Preto-Velho e Pomba-Gira, por causa de religião,
Não seria racista espiritual e amante do preconceito?

Todos querem ir para o céu, mas ninguém quer morrer. Hipócritas!
O egoísta ama as pessoas como a si mesmo, não como elas merecem.
Um herói enfrenta o outro e vence a si próprio, derrotado e contente.
Em seu rosto há somente “a outra face”, o lado de dentro.
Nas arenas recentes do cristianismo, hoje em dia
Os leões viraram espelhos e a vaidade tem mais carne que o corpo alma.

Todos os super-heróis têm superpoderes... coloridos, supercoragens...
Mas todos eles têm medo de morrer, definitivamente.
E que super-vilão ameaçaria os que não têm medo da morte?
Nada se pode roubar de uma alma abnegada,
Para quem nem o corpo lhe pertence.

37 Durante a cerimônia chata de casamento de um amigo, pra me distrair, passei a reparar nos desenhos do teto. Então pensei: “está errado! Somente os céus podem abrigar as religiões. Os telhados são instituições que separam os homens de Deus”. Dos dois últimos versos surgiu todo o poema.

O religioso é o único super-eterno.
Qual poder é maior que a paciência dos imortais?

A imortalidade mataria qualquer ateu. Sem amor, a vida é um tédio.
Quem não aprendeu a ser imortal,
Como pode achar que ainda tem religião?
A morte é uma lição de desapego, pra quem sabe viver.
Quando o sorriso é de criança, Deus fala.

Hipótese cobaia que ao peito descobre:
Um ateu numa igreja, porta adentro,
É um espetáculo!
Um cristão fora da igreja, céu aberto,
É um espetáculo dentro de outro!

A RESPOSTA DO ESPELHO

02/10/2004 – 33 anos³⁸

Existem lindos rostos querendo dizer que você não é suficiente
E usam maquiagem pra se convencerem que não estão maquiados,
Como se espelhos falassem de beleza e não de vaidades.
Quando se olha muito para o espelho ele também lhe cobiça,
Feito amor de Medusa... e de homens com corações de pedra.
Por que temer Medusas se hoje ninguém olha nos olhos?
Cuidado com as modelos, transformam os homens frágeis em espelhos,
Pois feio não é tanto o que se mostra,
Mas o vício que se esconde à espera da mordida.
Deleites a contragosto. Veneno sem paladar... Sabores de analgesia.
A beleza é o amor que sorri.
Emoção sem disputa, harmonia bem composta...
Beleza é sorrir juntos.
Mas o que é a vaidade,
Esse cosmético da felicidade vendido ao preço da alma?
Sequestro dos sentidos, é o seu disfarce, o doce fio da navalha,

38 Refletindo sobre as diferenças conceituais entre o que é “natural” e o que é “artificial”, fiquei curioso por entender o que é ser, se fazer “humano”. Até que ponto somos artífices da própria natureza ou meros objetos do desejo de oferta e consumo? Então, dei-me conta de nossas máscaras... e entendi que máscaras não são vestimentas, são essencialmente parte da história de nossa pele. Na verdade, tudo começou com um sentimento de raiva de mim, por gostar das belezas descomunais das mulheres de capas de revista, ciente da alienação. Que ódio doce da beleza que me encanta! Raiva de mim.

Tudo que atraí e trai.
Vaidade é o desejo de gozar sozinho o tempo dos outros
E a certeza antecipada de que a ilusão tem o relógio das aparências.

Eis a mulher que se acha muito linda: obra de arte ou *marketing*?
Não se pode ser sincero quando o sentimento é verdadeiro.
Afinal, entre dois, o que mais importa: ter razão ou ter amor?
Quem desejar argumentos, esqueça a felicidade. Tanto faz!
Argumentos nunca convencem mesmo.
A última palavra só pertence a quem não escuta.
Solidão não tem plural.

VOCÊ ME AMA?

04/04/2011 – 39 anos³⁹

Ah...

Os sentimentos originais, inéditos do primeiro encontro!

Onde estarão?

Não é mais amor o que já virou hábito.

Emoções de rotina, anexos da relação. Vêm junto.

Com o tempo, não ser ruim é parecido com gostar.

Prazer é diferente de alegria.

Amar é não ter preguiça de sentir bondade,

É saber dizer “*eu te amo*”

Com cheiro de pasta de menta no silêncio novo da manhã.

Amor não se repete.

É em toda parte deixar arder vivo o fogo suave de um amor durável.

Ter amigos anjos, cores no jardim, e poesias no café da manhã.

39 Na obrigação de completar um poema, para publicar neste livro, a fim de não desperdiçar um resto de escritos adormecidos, aconteceu que, apesar de mim, de motivo tão fútil, acordei meus sentidos poéticos... e o que era só matemática virou poesia. Era para ser um poema sobre o amor, mas se mostrou uma difícil pergunta que os amantes devem se fazer: quando e como os sentimentos verdadeiros se tornam falsos com a mesma aparência? Filosofia e poesia... sempre inevitáveis em mim. Fui cutucar onça com vara curta... (risos).

Sabe por que a gente existe?

A resposta está nas muitas perguntas que a vida refaz em cada problema.

Que importa a resposta certa

Se a verdadeira pergunta cala o desejo de ouvi-la?

“– *Você ainda me ama?*”

Dê-me uma questão sem resposta e creia na força do meu silêncio.

PRO NOME PESSOAL SER

11/01/2004 – 32 anos⁴⁰

Eu não posso morrer agora, acabei de ficar famoso!
Cresci mais que o espelho...
Na verdade eu já era famoso, só que muita gente ainda não sabia.
A fama é um conjunto de mal-entendidos,
Notícia que antecede os fatos. Notícia boa é má notícia.
O que melhor define o mundo
É o fato d'ele nunca ser exatamente o que a gente gostaria que fosse,
Insistentemente.
E existe verdade mais urgente que um desejo frustrado?
O mundo está atrasado.
Oh, Deus! Não nos decepcionamos com o mundo,
Mas com nós mesmos.
Convicto é bem parecido com convencido... mas não é.
Quando estamos por baixo,
O sucesso do trapezista é a expectativa do seu fracasso.
Não é a felicidade dos outros que incomoda,
Mas a vaidade própria sem espelhos.
A inveja é o gozo interrompido da vontade de possuir alguém.
E porque tudo o que falta valoriza também o seu excesso,
Tomei uma decisão física: ser tão invisível quanto o amor.

40 Em uma noite qualquer, em casa, não sei o porquê, lembrei-me das leituras de *Assim Falou Zaratustra*, de Nietzsche. Pronto, veio-me o primeiro verso! Sozinho, foi riso pra todo lado... até não aguentar mais. Fui obrigado a fazer o poema, misturando a seriedade da filosofia alemã com minha ironia típica, brasileira. Deu no que deu.

O mundo em que nasci não estava completo.
Faltavam-lhe alguns pensamentos próprios.
Só eu posso dar a ele o meu coeficiente dessa realidade.
Ser autêntico é sentir-se obrigado a dar ao mundo uma resposta única,
Tornar o mundo pessoal e dizer:
“Eu dei ao mundo uma perspectiva de vida”.
Viver é amadurecer essa tendência, o talento de ser irrepitível.
Cada um é um dom próprio, e a inveja um suicídio moral.

De onde eu sou? Pertencço a qualquer lugar que me fizer melhor.
Que olhos haveriam de crer que sou apenas o reflexo do meu corpo,
Esse relógio material que marca o tempo com rugas? Não!
Qualquer um é a soma incompleta de todos,
Cuja separação arranca pedaços;
Cujo reencontro é um doce abraço com Deus.
Matemática simples: uma pessoa, uma humanidade.

Morrer é preciso, depois.
A pressa é passageira e o corpo não espera a alma decidir.
Cada um tem a idade que consegue:
O que o corpo não sabe,
A alma pode.

IDENTIDADE

2003 – 32 anos⁴¹

Somos possibilidades... estranhas entidades matemáticas:
A metade de dois é sempre mais que um,
É a natureza de dois seres inacabados,
Duas totalidades imperfeitas.
O que as metades têm de perfeito é a igualdade da relação.
Não é a metade de cada um o que nos une,
Mas nossa diversa natureza conjunta.
É a constante busca pelo encontro com o outro,
Numa incompletude que se encaixa.
Os contrários se repelem, os opostos se atraem,
Porém só os afins caminham juntos.
É assim:
Quanto mais distantes, mais parecemos iguais uns aos outros.
Indistintamente.
Quanto mais pertos, mais fácil é ver a diferença que nos separa.

41 Outra vez, perguntaram-me quem eu era. Pergunta corriqueira, de quem pede apresentação. É claro que a pessoa queria apenas saber meu nome. Mas, filósofo por chatura, por segundos hesitei na resposta, e caí em abstrações... Não sabia o que dizer, e respondi: “Will Goya, muito prazer”. De alguma forma, não me lembro, cheguei em casa, sentei meu corpo e fiz este poema. Minhas leituras de Lévinas não ficaram inúteis. Depois fui ver televisão. Preciso ver filmes de muita ação, às vezes, pra não ficar maluco. Adoro filmes!

Amar o próximo não é amar o semelhante,
É se aproximar do que nele sou diferente.
Amar é estranhar profundamente aquele que se ama, com uma pergunta:
“Quem é você?”
Eternamente apaixonado pela misteriosa resposta de cada dia.

É preciso respeitar as pessoas como elas são. Mas... detalhe: como elas são?
Há tantas verdades em ser gordo, em desejar ser magro,
Em querer chocolate...
Quanto no regime das escolhas.
Quais mil vontades em mim desconstruídas eu deveria respeitar,
Para eu me ser próprio?
E quem pode abrir a janela da hesitação
Se a maçaneta do saber não está do lado de fora?
Todos me exigem definições,
Desafiam-me a existir de um jeito único no mundo.
Com alguma sorte, não sou o que me dizem,
Mas o quanto me modifico a respeito,
E penso:
Se eu quiser mudar você, eu tenho que, antes, me dispor a ser mudado.
Grande é quem sabe tratar os pequeninos com igualdade.
Um destaque não retribuído.
O dilema nunca foi “ser ou não ser”. A verdadeira questão é:
Aqui e agora, quem eu sou em relação a?
Pai, motorista, amante, professor, terapeuta, paciente ou filho,
Calmo ou nervoso?
Ninguém é totalmente algo. Apenas circunstanciamos...
É um não-eu que melhor me define.
Não posso ser alto e feio sem alguma comparação.
Como alguém pode ser baixo em si mesmo, se a altura tem coautoria?
Inevitavelmente,
A cada um sou o espelho às costas do que vejo.
É outro quem me ensina eu saber quem sou.
Preciso de alguém para renovar o meu melhor.
Em bom português, eu somos.

À METADE DO MEU CAMINHO

11/01/2004 – 32 anos⁴²

Não quero a felicidade. Felicidade não é fácil.
Quero toda a angústia dos que a fingem ter,
Porque covardes, sentem-se ridículos quando felizes sem motivo
E saem para comprar coisas, para depois guardá-las,
Derramando sobre si mesmos um olhar comum.
Nesse mundo, dinheiro não é matéria, é valor espiritual.
Feito de espíritos cansados,
Trabalho acumulado de outros corpos.
Dinheiro é coisa abstrata:
Tudo se compra e se vende com dívidas, créditos e renegociação.
Se tempo é dinheiro nossa vida está com as horas contadas...
Ninguém tem tempo pra nada!
Que lógica absurda diz que os mais ricos têm as maiores dívidas?
Que riqueza é essa?
Vaidade, ambição e poder... cifras e dígitos... são a alma do negócio.
O capitalismo é religião, e nada mais é real. Mais é aquele que parece ser.
Roupas caminham sozinhas na rua,
Com um detalhe: apenas têm recheio.
Eis o atual milagre, a tão sonhada fórmula da invisibilidade:
Não ter mais olhos para a matéria do mundo: o sol da manhã...
O jardim e as borboletas.

42 Confesso: no começo, minha inspiração era pela revolta de eu não ter dinheiro, pura ambição insatisfeita. Mas enquanto escrevia, percebi a essência de tudo que importa: só a compaixão pelos outros compreende o valor do dinheiro, possuindo-o ou não.

E o que é a fome se não um vazio físico,
Material, que pesa sobre as lágrimas de um homem?
Por isso rezo: – Meu Deus, salve o materialismo!
Dê pão e teto a quem tem fome!
Amor sólido,
Que alimenta de verdade os que têm fome e sede de justiça.
Não é engraçado o sofrimento ser mais cristão que a felicidade?
Sem dramas,
As pessoas convencem mais quando choram do que rindo e felizes.
Mentir é a maneira mais fácil e mais rápida de parecer sincero.
Verdade é pra quem é teimoso: existe e insiste.
Estranha moral essa
Que aos ricos a pobreza é o sofrimento capital
E aos pobres a maior alegria é ser vítima.
Por assim não dizerem,
“Mais vale um rico saudável que um pobre doente”.

Todo dinheiro que não se gasta com amor é valor não pago a alguém,
Roubo metafísico da dignidade.
A vida tem seu preço, seu peso, seu apego.
A alma vale o quanto flutua, quem não pode se elevar cansa.
Quanto vale uma pessoa?
Uma nota vale um milhão de trabalhadores ao sol,
Gritando silenciosamente.
– Sim, espíritos aprisionados em um papel-moeda, rogando ajuda.
Cada nota deveria ser gasta com humildade e gratidão,
E até nos momentos mais alegres com um pouco de vergonha social,
Pois aquele que, apertando a mão, diz: “o dinheiro é só meu!”
Herda sozinho a economia de um povo,
Símbolo imaterial da matéria de todos.
Valor que ele não dá, recebe enquanto compra.
Sei que o lastro do caráter não é estrangeiro,
E que o elogio não confere virtudes. Eu sei...
Mas quem deixaria a vaidade para ser belo?
A felicidade não é pra mim. Deixa-me!

Nada contra, gosto mais da luta. Faço-me poesia, corajosamente.
A poesia pode gritar por escrito. Tudo nela é demais, até sua falta.
Eu escrevo para existir um pouco mais fora do corpo,
No espírito da palavra.
Meu exercício de espiritualidade, minha preparação para a morte.
Morre-me a carne, a poesia não.
O poema abstrato me decifra:
Corpo ausente, estou aqui.

INSÓLITO

2003 – 32 anos⁴³

Quando o desejo não tem som
E as pequenas coisas se iluminam de lembranças,
Real é
Usar um perfume tão suave quanto o sonho breve da expectativa.
Nada mais.
Mas... quem acumule seu corpo de ausências,
Há de sentir o peso do abandono,
Porque arde a ideia de pensar em não mais ter que sentir saudades...
Afinal, o que é perder o medo de ter medo de perder?
Saudade é estar bêbado demais para pensar
E muito sonolento para sentir na pele o beijo que já se foi.
É assim... Ficam-se as ideias, perdem-se as palavras.
Com o tempo e o esquecimento, vão-se as ideias
E os sentimentos permanecem a sós.
Sensação do que não se sabe bem o quê,
Saudade é sentir falta
Do que o desejo tem de mais verdadeiro: ser quente e instantâneo.

43 Eu próprio fiquei atônito ao convencer meus alunos da imaterialidade espiritual dos valores egoístas que regem o mundo da matéria, do capitalismo. Num fim de semana com amigos, balançando na rede, sofri daquela inacabada estranha sensação de que terríveis abstrações podem ser demasiadamente concretas. Balançar na rede e filosofar ao mesmo tempo dá nisso.

Quando minha amada virou só um tinteiro à caneta dos meus pensamentos?
Há sempre um poema refeito por cada leitor,
Mas em que verdades dormem as intenções
Se o que balança em mim não é a rede,
Porém um sonho que divaga em meu corpo?
Meu corpo dorme... mas o dia é que é preguiçoso.
O corpo não é mais verdadeiro do que o que se pensa do corpo.
Emoções físicas do pensar.

Um amor sem beijos, deliciosamente molhado.
O aperto macio com os olhos...
Pra sentir mais o veludo do tecido azul.
Um toque de mistério, as cores pesadas... e um leve silêncio.
Poesia completa: um abraço por escrito em uma carta de amor.
Qual pedra é mais real do que isso?
Quando a solidão chega, a verdade cobra o seu preço.

TAMANHO

10/08/2004 – 33 anos⁴⁴

A grandeza de uma pedra está no seu tamanho. No ser humano não.
Uma coisa é o que é. Gente é coisa infinitamente outra.
Na verdade, ninguém é totalmente o que é. É enquanto.
Como alguém pode ser inteiramente falso quando se é infinito?
Apenas ninguém é como deveria ser, e é isso que as pessoas são.
O ser humano será sempre o que o ângulo é para a vista, inevitável.
Ponto.

Quando silêncios hesitam inquietos, de óculos
Qualquer coisa é um grau a mais de ansiedade.
“Todas as coisas parecem ter a medida exata das nossas incorreções,
O que não é defeito.”

44 Dia longo em que não mais pude adiar saber qual era o meu justo tamanho, como pessoa. Minha vida inteira é feita de ininterruptas autoanálises. Antes, o poema ajudou-me a pensar em critérios de julgamento. Ano de sentimentos de culpa e promessas religiosas. O poema começou de fato quando senti uma descoberta espiritual, uma alegria não em reconhecer que meus erros são grandes, mas que, ciente disso, não sou melhor do que muitos que antes facilmente condenava. Fiquei extasiado com minha nova filosofia moral: “se eu não sou bom, ao menos não carrego o orgulho de me crer superior a ninguém. Sinto a paz de não odiar (por muito tempo) aqueles que eu desaprovo”. O poema veio até mim com muita beleza. Emocionou-me profundamente. Quase chorei, grato.

Não há uma pedra conhecida que não traga junto um pensamento colado.
Quem mais testemunhou a verdade foi quem teve a certeza do próprio erro.
Afirmar uma só teoria exige que se neguem muitas outras contrárias.
É preciso muitos não's para se construir apenas um sim.
Por isso, ninguém é simplesmente o que é.
Ninguém tem o seu próprio tamanho.
Quem define alguém alto é outro.
Só os tolos veem as pessoas *exatamente* como elas são.
O que é simples não tem pensamentos, não pede definição.

A medida de todas as coisas soma pulso, calibre e um tanto de caráter.
Com um tiro de revólver e arrependimento mata-se o tempo de voltar
Atrás –

Ampulheta que não mais separa a acusação da própria culpa.
Afinal, é o sol que faz a sombra do homem
Ou é a face que não se volta para a luz?
Os cílios protegem a alma como pálpebras escondendo a verdade.
Porém, a verdade é que só as lágrimas retiram a poeira dos olhos,
E só os risos colorem o brilho de todas as coisas.
Não há pedra que no mundo quebre a grandeza desse olhar.
Definitivamente lógico, paradoxal e coerente.
Não entendo como algumas pessoas não entendem.

PALADAR

01/05/2003 – 31 anos⁴⁵

A fisionomia das palavras tem gestos invisíveis no texto,
Tão físicos quanto pensar baixinho, só movendo os lábios,
Tão espirituais quanto dizer “– meu Deus!”, de susto.
Há quem tenha raciocínios vermelhos, de tão tímido.
Quem sinta que vai doer, antecipando a respiração, assistindo filme,
Quem goste de queimar calorias, com uma boa leitura
Ou prefira arrumar os óculos pra pensar melhor.
Algumas palavras escritas só se expressam por mãos agitadas
Desenhando letras italianas no ar, como uma necessidade insatisfeita.
Muitos inquietos preferem morder o lápis à palavra...
De qualquer forma,
Sempre haverá um modo de dizer sem falar. Literatura não verbal.

45 Estava entediado com uma conferência. Não aguentava mais ouvir tanta bobagem aparentando coisa séria. A palestrante jogava fora as palavras. Pensei: “ela não sabe a beleza do que desperdiça!” Então imaginei palavras e letras físicas se acumulando no chão do auditório. Eu vi isso! Letras pequenas e grandes, de uns 15 cm. Catei-as mentalmente, todas para mim, e na mesma hora decidi fazer uma nova composição. O poema saiu quase todo ali, naquele mesmo instante. Terminada a palestra, voltei para o hotel e concluí as últimas palavras no quarto. Dedico este poema aos professores da(de) cultura – um dos mais belos sinônimos da vida. No mais íntimo do meu coração, só me tornei professor porque amo aprender, e decidi compartilhar esse amor.

O indiscreto rumor de confidências da vida nunca devora a palavra por
inteiro.

Em qual termo se deve gritar um sentimento, quando não há tradução?

A intuição não é educada,

É um desassossego calado que antecipa o olhar, sem rumo.

É a palavra que deve trazer o silêncio, e não a boca.

Quem diz que a língua é pobre, não conhece a poesia.

Metade da palavra é som, metade é desenho, metade é significado,

Metade é escuta e afronta. A outra metade é transformação.

Quem já disse tudo o que queria, mudou o mundo. Calou o resto.

É no íntimo da alegria ou do ódio

Que a palavra gesticula suas profundidades.

Ensinar a ler é dialogar com a vida,

É viver tão reiteradamente velho e jovem

Que em cada livro há outra reencarnação.

Quem não sabe contar uma história ainda não aprendeu a ler direito.

Ler é escrever com os olhos. Ler um livro é reescrever o autor,

Repondo as palavras com imaginações da própria experiência.

A palavra uma vez dita não tem mais pertença.

Ninguém repete o sopro do significado,

Não se vive duas vezes o mesmo fôlego de cada romance,

Mas todos se calam quando se descobrem lidos pelo escritor.

Escrever adequadamente é tornar as outras palavras desnecessárias.

Conquistar o silêncio.

Feitiço delicadamente posto e armado

Quando a palavra explode em sentidos.

O que é ler se não ouvir do lado de dentro os pensamentos

Que outro acumula?

Parapsicológico, o texto é absoluta telepatia escrita.

Abandonar os livros é deixar de ler o mundo, de ler os outros,

De saber escutar.

Se a verdade não ama a palavra, ninguém saboreia o que fala.
Fantasia tocante que demove o lugar da espera
E trai excitado e contente
As promessas desse músculo da vida, o coração.
Quente, o primeiro desejo aprecia a brevidade.
Palavras, palavras e mais palavras..
A boca sabe o doce da palavra no *mythos*, veneno e forte beijo que ela tem.
A palavra arde!
– Professora, me ensina a ler?!

SONETO A UM BOM VINHO

2004 – 33 anos⁴⁶

Um doce vento vem buscar afeto.
No campo, vinhas a chamar falenas
Que às flores, uvas, deixam o dia inquieto
E ao tinto, leve fogo, ardem serenas.

O sêmem cai na vulva nudez, chão
Molhado, o cheiro volta à primavera
E os dias do cio, de um único amor, são
Tais que a pressa e detalhe o tempo espera.

Nesses jardins do etílico, feliz,
O vinho vem à boca... tão sedenta
Que, incerto, tudo aos poucos contradiz:

Traz à boca um sabor de serenata
Quanto mais se bebe o que à sede aumenta
Bem mais o vinho seco desidrata.

46 Ao me dar conta de que o álcool é uma bebida que desidrata, senti algo irresistível. A ironia não me deixou em paz. Como não fazer um poema? Difícil explicar o paradoxo que tomou conta de mim. Foi como se eu tivesse que falar sobre bebida, mas de um jeito tão saboroso quanto um poeta bêbado a declamar os sabores do vinho. Acontece que eu andava mesmo querendo fazer um soneto. Meu primeiro poema de amor foi um soneto. Para cumprir o estilo, não perdi a ocasião. Feito o poema, acabou todo resto de vontade de fazer sonetos.

OUTRA VEZ

29/06/2005 – 34 anos⁴⁷

Tem hora que me sinto um pesado ponteiro de segundos,
Trabalhando muito pra ganhar mais tempo.
Um antigo toco de vela guardando a rotina, aceso
Feito um zelador de Deus, caindo de sono, martelando a eternidade
Até de madrugada...
Os minutos fazem muito barulho.
Os dias são como anos, e os anos são perigosamente silenciosos.
Quando, de repente...
As décadas explodem em acúmulo de segredos, em qualquer desabafo.
Afinal, de que vale a velocidade quando a vida já perdeu o seu silêncio?
O último pedido sempre foi voltar atrás e começar de novo.
Quem tem pressa, melhor ir devagar... há muitos botões na camisa.
A ansiedade tem sua própria medida.
A matemática nunca foi igual para todos.
Depois, o que adiantam os números do atraso
Se toda hora é sempre uma hora?
Uma hora começa... e uma hora acaba.

⁴⁷ Dia do meu aniversário. Como de hábito, filosofei: “o que é fazer anos? Isto é, o tempo é “coisa” que se faz, que se fabrica?” Com bom humor, fiz-me um tanto de perguntas assim, mesmo sabendo algumas respostas. É uma técnica pessoal de que me valho, para que meu espírito fique excitado de provocações, e responda com poesia. Deu certo.

E eu, suportando o mal da competência, acordo mais cedo
Pra desligar o despertador.
Tudo tem a hora certa,
Mas só depende de que lado da porta se encontra a espera.
Meu Deus! Quando foi que eu envelheci tanto?

Faz tempo que eu não tenho tempo.
Impaciente, o tempo é incolor às minhas experiências.
Tudo é sempre novo se visto de novo, e sempre velho se visto uma vez.
Novidade não é um fato, é quase uma esperança...
É o desejo de um susto bom.
Espírito de menino num dia sem colégio brincando sem relógio,
Ainda de manhã.
É o amor redescobrimdo o amado
Com um inesperado... “*bom dia!*”, beijo e café.
É isso ou o contrário do que se imagina. Sei lá o quê!
Novidade é uma espécie de emoção,
Desejo íntimo de querer mais futuro na vida.
Expectativa de quem não mais cobiça o que se perdeu, ou nunca teve.
De novo jovem.

Sucessivamente, de resto,
Tudo o que se pede é que os ociosos deem um tempo.
Mas o que têm pra dar?
Não é errado perder tempo com aqueles que já perderam tempo.
Amor não tem hora.
É sempre jovem a certeza de que podemos fazer tudo de novo,
E bem melhor.
O remorso emudece a luz na estação das violetas.
Jovem há mais tempo, o que espero quando descanso é paz,
Mas sei que a paz não vem do descanso. A felicidade não perde tempo.
Deveria saber: é preciso ser velho para saber ser jovem.
Assim como hoje,
A vida tem um caráter súbito: quem tem esperança, nunca espera.

A história mais antiga que existe
Fala de um homem que deseja o que não tem,
E tem muito porque a solidão é feita de desejos acumulados.
Estar na moda nunca foi ser atual.
Será quanto tempo demoram quatro anos de ausência e sentimentos?
Quando o aniversário vale menos que o presente, a ilusão dura mais.
Ninguém pode medir o tempo (em) que se lamenta.
Chegada a hora em que a gente não tem mais tempo,
Haverá futuro para quem só viveu de passado?
Não sei.
É graças aos últimos minutos que a gente corre atrás do tempo perdido.
Póstumo destino,
O futuro às vezes tem a monotonia previsível de ser apenas consequência.

De fato,
O tempo é assunto tão urgente quanto como se estivesse para chover.
Mas não chove.
E fico pensando...
Há muitos dias na semana em que o dia inteiro é domingo.

TEUS DIAS DE HOJE

05/10/2005– 34 anos⁴⁸

Repensa tudo com as mãos,
Descansa em leito teus apelos,
Entrega feliz ao desprezo todo o resto de amores não vividos,
Que a esperança envelhece a alma e abrevia a carne.
Não te sepultes o corpo,
O que há de mais físico no amor é gozar a leveza de um sorriso em paz.
Esquece dos que não te sabem bem, tão perfeita és.
Há nas víboras um pouco de céu, esperando a morte. Deixa-as!
Teus acúmulos pesam à cobiça dos cansados.
Quase inteligentes, quase bonitas, quase boas. A deficiência é indiscreta.

Exagera tua mocidade, sem pressa, que a vida recomeça sempre.
Agarra o cheiro das flores mais alegres, corajosamente
E espalha-as por todos os cantos. Um pouco de tristeza não faz mal
– Qual primavera não emociona o jardim dos amantes?
Felicidade é assim mesmo...

48 Foi aniversário da amiga de uma amiga... e o momento inspirou-me diante da oportunidade de escrever um poema de aniversário para todas as mulheres cansadas de viverem pouco amor. Há tempos queria escrever sobre a importante diferença entre “de novo” e “outra vez”. Mais que sentimental, precisava esclarecer a diferença filosófica de vida entre criatividade e repetição. Muita gente desconhece isso.

Vem que hoje o teu dia é um presente. Tudo é esplêndido, por dentro.
Aproveita agora uma messe de volúpia,
Com ternura inesperada, ainda ingênua.
Lê alguma filosofia, com morangos cheios de vermelho misturados à vida
E com palavras que entusiasmam o sentimento, não digas quem és, sê!
Que um pouco de tudo te convém; que o mundo sem ti não basta.
Depois, quando ao teu lado o relógio se deitar com sono
E sem bater à porta a manhã entrar no quarto,
Com tuas próprias mãos, apaixonadamente,
Começa não outra vez, mas
Tudo de novo.

DEZ RAZÕES PARA EU VIVER

16/10/2002 – 31 anos⁴⁹

Tornar-me imortal é:

1º Reencarnar ou ressuscitar, conforme o gosto.

2º Nunca se apegar ao corpo. Sempre.

3º Tornar a morte ilegítima, filosoficamente.

4º Viver tudo, tanto que a morte nada seja.

5º Viver tão pouco tudo, sonhando com tanto ainda,

Que a morte fique esquecida, para sempre depois.

6º Querer morrer como um herói,

Oferecendo a própria existência num sacrifício,

Mas não de uma só vez e, à maneira chinesa,

Dar mil riquezas de detalhes ao sentido da vida, todos os dias.

7º Arrepende-me da metafísica, abandonando a questão ao degrado.

8º Saber que não amar intensamente de novo

Seria velho como o arrependimento e,

De fato ou de interesse, não haveria porque

Morrer sem jamais tendo, assim, vivido.

9º Fazer aniversários infinitamente pelo resto da vida,

Brincando com as formiguinhas do jardim.

49 Aquela palestra de Filosofia, em Porto Alegre, era muito chata. O discurso estava todo errado. Queria morrer de tédio. No intervalo fiz algo útil com a caneta, tentando imaginar que boas razões haveria para eu morrer. Quando comecei escrever fui tomado por uma intensa emoção, que me deixou adequadamente solitário entre tantas pessoas a minha volta. Nesse estado altamente poético, os versos foram escritos com total musicalidade, de maneira que mais parecia cantá-los que pensá-los.

10º Respirar o hálito de Deus nalgum delicioso aroma de chá,
Feito por um vizinho de apartamento...
E, com o cansaço da vida, retornar à pátria do porvir
Na mais doce tristeza de morrer em paz,
Como quem ama a vida até o fim
E é para o fim quem começa a vida outra vez.

Mas, se eu tivesse mesmo de morrer,
Teria o cansaço mais força que o medo?
A morte... é bem verdade!
Veze mais que a vida, argumenta, vence e fere,
Cala o feio, o fardo e o difícil.
E se pesa o ajuste e à luta foge,
É fácil ao peito saber que, em desespero, não raro,
É a morte que tem razão.

Seja feito do que me encanta intenso:
De seu atraso uma esperança, de sua chegada, invisível.
Mas se a demora é covardia – que venha a morte então!
Sempre vale a pena viver pelo que se morreria.

Deus, se não me pode a vida ser imortal,
Nem que eu morra amanhã bem cedo,
De hoje até o fim do dia vou amar como nunca meu filho,
Mais uma vez, para sempre.
E quando o tempo esgotar, o fim há de rever minhas ideias,
Porque a morte deve me tornar outro,
Consecutivamente outro e mais jovem.

Borboletas fazem poemas de vida, mas não podem trocar asas.
A cada novo verso de amanhecer
Troca-se o minuto que se foi pelo que à morte vem.

Ininterruptamente...

TUDO O QUE SE DEVE DIZER

22/10/08 – 37 anos⁵⁰

Um poema é como escolher um nome, ainda sem palavras,
Para cada novo sentimento.
Uma ideia, com detalhes de afeto.
Não há carinhos sem detalhes, repare.
Um poema é apenas mais um detalhe da vida,
Feito de mil pequeninos gestos.
Tudo está dito em alguma linguagem,
Sussurrando versos de segredos e confissões:
Roupas, perfumes, cores, pele, respiração, olhares...
Até o silêncio fala, com pausas.
Tudo é poema ainda não escrito, à espera.
Excluir os pequenos vestígios do mistério, distraíndo-se, é não perceber
Que a felicidade inteira cabe num pequeno sorriso do canto da boca,
Antecipando palavras;
Que a tristeza às vezes chora sem lágrimas,
Suplicando um abraço não pedido;
Que amar é pintar com os olhos, caprichando no brilho.

50 Por várias vezes tentei não discutir com uma amiga. Não conseguia. Há pessoas com as quais a gente simplesmente não consegue não brigar. Pelas leis da gramática, quanto mais cultas e inteligentes, mais as pessoas encontram as regras de que precisavam para continuarem jogando. Por fim, entendi que para haver diálogo muitas vezes é preciso não dizer mais nada, fazer o que tem que ser feito com amor. Quando a razão não vence, o amor cede. Concluí minha fala com o poema, dias depois.

Não há nada nas gavetas além de meias, mas vou olhar assim mesmo,
Se não o momento passa. Sempre alguma coisa está acontecendo...
E todas aquelas importantes coisas superficiais desaparecem
Quando os pequenos momentos se iluminam.
Mágica? Não, magia.
Não há descoberta sem desejos, nem conhecimento sem expectativas.
E o que é o acaso se não uma surpresa, euforia de emoções desavisadas,
Sem as quais a vida permaneceria dormindo?
Curiosidade sem carinhos é como ferir desinteressadamente.
Mais que desejo, conhecer é colocar amor no desconhecido, e aventurar-se.
A mais profunda verdade ainda não foi dita.
Só quem ama se importa com aquilo que é importante para o amado,
Um encontro entre a necessidade de quem espera e a alegria de quem oferece.
Quando o poeta não encontra amor, ele o cria.
Todo saber é com-paixão. Todo poeta é sábio.

Ser poeta é descobrir que não há momentos comuns.
Quem não tem o que dizer, por que insistir?
Que falem as palavras, nunca os significados!
Retirássemos o som de todas as palavras vazias, todo silêncio seria leve.
Ah!...
Eu poderia lhe dar um silêncio maligno,
Desses que não quer se calar jamais.
No silêncio pesa o gosto da interpretação, em brigas telepáticas. É nosso dom:
Aproveitamo-nos cinicamente, e rápidos, de tudo
O que antes recusávamos e criticávamos... Mas deu certo.
As palavras se justificam umas às outras, e o orgulho fala sozinho.
Um homem só tem que dizer a verdade sem palavras, que ouvi-la basta
Quando se tem a coragem de fazer o que se sabe que é certo.
Verdades são capítulos escritos de nossas vidas,
Cujo idioma a gente ainda não aprendeu.

Um sorriso sincero ou um abraço apertado de amor
É sempre o que se deve dizer quando não se sabe o que falar.
Quem ama sabe: – somos todos poetas.

FAZER CAFÉ, AMOR E FILOSOFIA

18/06/11 – 39 anos¹

Manhã... cheiro de céu, e coberta quente. Ainda estou sonhando.
Preciso levantar-me antes de o sonho acordar...
Para ainda haver tempo de vivê-lo.
Uma prece, um pão de queijo e um jornal.
– Antes um aconchego.
Canela para o leite, coragem para o trabalho e beijos para os filhos.
Café com filosofia.
Busco as horas, vejo o atraso e arrumo a gravata.
Onde está o meu amor? Dentro de mim.
Procuo os olhos dela e vejo realmente que o dia amanheceu lindo.
Abro a porta e todas as janelas para a vida. Estou pronto para sair.
O dia vai começar. Está tudo bem.

1 Durante uma festa de casamento, conversando com a querida amiga Gabriela (autora do prefácio), pensei comigo mesmo que não estava totalmente feliz com este livro de poesias, por não haver escrito um poema com o mesmo título da obra. O primeiro título pensado foi *Café Moral*, porque café é essencial para filosofar. É assim pra mim. Quão bom seria poder tomar em goles, rapidamente, o ânimo da vida! Simples assim. É o que penso e o que sinto fazendo café todos os dias – um ritual de pensamentos mágicos.

Na manhã seguinte, enquanto o carro estava no mecânico, para um conserto dos freios, pedi um café, um pedaço de papel e uma caneta. Depois era só pedir ao editor um último favorzinho...

Este texto confere com os originais, sob responsabilidade integral do autor, inclusive a revisão.



ESTA PUBLICAÇÃO FOI ELABORADA PELA
EDITORA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
E IMPRESSA NA GRÁFICA E EDITORA KELPS LTDA